

**Programa de Incentivo à
Produção do Conhecimento Técnico e Científico
na Área da Cultura**

Agosto de 2011

Cadernos de Pesquisa em Acervo & Preservação

Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura da FCRB

O legado de João Cabral de Melo Neto, Marcelo dos Santos	2
“Os arrabaldes aprazíveis”: uma interpretação das formas de morar carioca, Priscila Rodrigues dos Santos	5
Programa de renovação dos ambientes do Museu-Casa Rui Barbosa: artefatos têxteis, Luz García Neira	16
Estudo das encadernações de livros da Coleção Rui Barbosa do século XIX, Ana Roberta Tartaglia	24
Estudo de Preservação do Acervo Cornélio Penna, Luane de Jesus Mendonça Aires	41
Biblioteca digital, Maria Madalena Schmid Martins	47
Plano de Conservação Preventiva do Museu-Casa de Rui Barbosa: Documentação para Preservação, Patrícia C. Cordeiro	57
A coleção família Barbosa de Oliveira e o Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa: reconstrução de contextos arquivísticos, Marcos Aurelio Santana Rodrigues	75

O legado de João Cabral de Melo Neto*

Bolsista: Marcelo dos Santos**

Coordenador: Eliane Vasconcellos

O projeto de realização do inventário analítico do arquivo do poeta João Cabral de Melo Neto nos permite apresentar o modo fundamental como a área e o pesquisador de Letras podem contribuir para o tratamento dos arquivos dos escritores, cuja finalidade é a divulgação nas bases de dados da Fundação Casa de Rui Barbosa dos documentos de escritores. Desse modo, propomos apresentar o progresso da pesquisa no período de um ano (de agosto de 2010 a julho de 2011) em três linhas que se tangenciam durante sua realização: a especificidade dos arquivos de escritores, a situação do arquivo e da pesquisa referida e a singularidade do arquivo do poeta João Cabral.

Em primeiro lugar, a leitura do arquivo de um escritor requer um olhar que, auxiliado pela metodologia arquivística – compreendendo a correta tipificação de um documento, do arranjo de dossiês etc. –, embasa a tradução de um documento em informações específicas que valorizem o documento como documento de escritor. Para tanto, é imprescindível conhecer a trajetória do autor do arquivo, sua inserção no circuito literário e cultural, a construção de uma persona literária que se faz nos interstícios de escritos públicos, privados, documentais, pessoais etc. O profissional de Letras, categoria na qual nos incluímos, deve praticar essa leitura fundamentada para preparar os resumos e demais limites tipológicos dos documentos a fim de melhor avaliá-los na divulgação na base de dados.

Até o momento, o arquivo de João Cabral recebeu higienização e foi organizado em caixas contendo dossiês e itens documentais. Na primeira fase do inventário analítico, realizada por bolsista antecessor, deu-se a descrição da Produção Intelectual de Terceiros (Pit), que já está inserida na base de dados. Além disso, por volta de um terço da Correspondência

* Pesquisa desenvolvida no âmbito do AMLB.

** Marcelo dos Santos é Doutor em Literatura Comparada pela UERJ.

Pessoal do poeta já havia sido descrita em planilhas. Quando assumimos a pesquisa, deu-se continuação à descrição da Correspondência Pessoal, seguida da Correspondência Familiar e de Terceiros. Ao final do primeiro ano, toda a correspondência de Cabral foi descrita em planilhas, além de termos realizado uma revisão das planilhas anteriormente descritas e alocado documentos que chegaram ao arquivo depois do inventário analítico realizado em pesquisa anterior. Para números exatos de novos documentos inseridos e do total de documentos já descritos, é preciso consultar os relatórios semestrais, onde constam todas as etapas do projeto pormenorizadas.

Refletindo de modo mais específico sobre o arquivo de Cabral, a leitura e descrição de documentos em séries nos revela a caracterização própria que comanda a formação do arquivo do poeta, já que ela deixa entrever a figura do poeta, ainda mais, do poeta-diplomata, além de contribuir para que o pesquisador vislumbre de forma mais cuidadosa e complexa a relação entre a poética cabralina e a vida literária de que o poeta participou. João Cabral de Melo Neto, poeta conhecido por desenvolver, nas linhas de força da poesia brasileira do século XX, uma poética da impessoalidade, do desaparecimento da subjetividade, do investimento numa poesia mais cerebral, crítica, é um missivista que transforma o espaço da carta em espaço de discussão crítica com seus amigos-poetas (Murilo Mendes, Lêdo Ivo, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Augusto de Campos etc.) e críticos (Lauro Scorel, José Guilherme Merquior, Luiz Costa Lima etc.). Contudo, é possível também matizar a personalidade crítica de Cabral com traços confessionais que se estendem num arco amplo, indo desde a preocupação com o reconhecimento público como poeta, a saúde constantemente comprometida até as vicissitudes da carreira diplomática.

Como poeta-diplomata, Cabral estabelece uma vida literária a partir da correspondência, onde se podem observar afetos e desafetos do poeta e diplomata bem como contribuições para a poética dos amigos-poetas: como exemplos, a guarda dos poemas enviados por Joaquim Cardozo a Cabral, além da troca de cartas em torno do livro de Lêdo Ivo (*Acontecimento do soneto*, 1946) que Cabral edita na Espanha. Nas cartas, ainda é possível

acompanhar a trajetória de Cabral editor, produzindo edições na sua prensa manual, além de rascunhos de projetos de antologias, revistas e futuras edições próprias.

Portanto, a preparação do inventário analítico do arquivo de João Cabral de Melo Neto necessita, durante o seu desenvolvimento, da leitura detida e criticamente abalizada, o que a formação em Letras oferece na medida em que preserva e dispõe ao acesso as informações importantes e pontuais para os pesquisadores interessados nas especificidades de um arquivo de escritor assim como para o proveito do público na leitura de documentos do poeta e no conhecimento da trajetória de um poeta importante na cultura brasileira, como é o caso de João Cabral de Melo Neto.

“Os arrabaldes aprazíveis”: uma interpretação das formas de morar carioca através dos anúncios e da iconografia do século XIX

Bolsista: Priscila Rodrigues dos Santos*

Coordenador: Ana Pessoa

1. Introdução e objetivos do projeto

O objetivo desta pesquisa é o estudo do museu-casa, sua organização espacial e transformações, e as redes de relações sociais e valores que nortearam as principais intervenções na propriedade, desde seu desmembramento de uma chácara, até a sua ocupação por Rui Barbosa, em 1893¹.

A pesquisa² se desenvolveu sob dois aspectos: análise dos anúncios do *Jornal do Commercio*, em 1835, ano do casamento de um dos proprietários da casa – Bernardo Casimiro de Freitas – e, leitura e interpretação dos Códigos de Posturas de 1830 e 1838.

A partir dos princípios do século XIX, as leis de posturas foram obrigando os construtores e proprietários a respeitar os alinhamentos das ruas e das calçadas, acabando com os desníveis. Os sobrados deveriam ter suas testadas em alinhamento regular, limitando os abusos e as vontades dos particulares na definição das construções.

A rua passava a ser mais respeitada, estabeleceu-se que os buracos e os terrenos pantanosos seriam aterrados pelos proprietários. Além do mais, os moradores não poderiam sujar as ruas com as valas dos seus quintais, ao passo que seriam estipulados os lugares

* Bolsista do Programa de Iniciação Científica da FCRB de 2009 a 2011.

¹ O projeto se inscreve nas linhas de pesquisa: “Museu- casa: memória, espaço e representações” e “Formas de morar, cidade e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista”. Este trabalho é o resultado do projeto de pesquisa do qual participei *A casa do barão da Lagoa: expansão urbana e vizinhança*.

² Aproveito para agradecer o auxílio da minha orientadora Ana Pessoa, sem a qual este trabalho não seria possível.

apropriados para o depósito e os despejos, os quais não poderão mais ser feitos nas valas que servem de esgoto para a cidade.

Segundo Gilberto Freyre, “*as ruas eram simples caminhos a serviço das casas poderosas*”, mas com o interesse da metrópole portuguesa em desenvolver a cidade a rua se aristocratiza e os serviços urbanos são aperfeiçoados.

A cidade absorve os filhos mais ilustres dos grandes proprietários de terras que abandonam as velhas casas-grandes e vão residir nos arrabaldes do Rio de Janeiro, em especial no atual bairro Botafogo.

Nas cidades as orientações do governo passam a ser mais burguesas e capitalistas do que rural e feudal, assim ela também se torna uma fonte de ascensão para o homem de comércio e lugar para o exercício de ofícios diversos – funilaria, marcenaria, químicas, etc.

As características urbanas se tornaram atraentes e foi um dos elementos que proporcionou o aumento populacional do centro carioca, o qual provocou a queda da qualidade de vida, favorecendo os surtos de doenças.

A ocupação dos arredores da cidade pelos “enobrecidos” se tornou indispensável porque significava a fuga das insalubridades e das epidemias, assim as melhores casas da cidade eram as chácaras ou casas de campos, famosas pelos seus jardins, que simbolizavam a profilaxia do ambiente e afastavam os cheiros desagradáveis.

É nesse contexto social que se tracejou o atual museu-casa através do seu construtor Bernardo Casimiro de Freitas, este trabalho apresenta os elementos sócio-culturais que contribuíram à arquitetura deste imóvel.

2. Noções teóricas e metodologias

Os pesquisadores que se dedicaram a analisar as características arquitetônicas e as formas de morar do século XIX, metodologicamente, recorreram à avaliação dos anúncios de venda de casas, aos relatos de viajantes e ao material iconográfico. (FREYRE, 1900-1987; LEMOS, 1989; REIS FILHO, 1970).

Merece destaque, *Sobrados e Mucambos* (FREYRE, 1936), que, dentre outros méritos, tem o de ter sido um dos primeiros trabalhos que caracterizou a arquitetura a partir das fontes mencionadas. Nesse caminho, a pesquisa aqui proposta revisitou os anúncios de época na tentativa de fazer emergir outros detalhes das sociabilidades e das arquiteturas domésticas, em especial dos arredores do Rio de Janeiro.

A utilização destes novos documentos como fonte de pesquisa começou em 1920 com a Escola dos Annales, que incentivou os historiadores a buscar novos métodos e objetos de pesquisa. Cabia ao pesquisador o papel de interrogar o documento para preencher as lacunas das informações e contextualizar o momento de sua produção com os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Inicialmente, buscou-se fazer uma análise comparativa entre os Códigos de Posturas de 1830 e 1838. Esta etapa de pesquisa objetivou-se determinar as principais mudanças urbanísticas que as normas anunciavam no período e qual foi seu impacto nas sociabilidades. Os Códigos foram consultados no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, os quais foram transcritos e se encontram disponíveis em site do grupo de pesquisa.

Também foram realizadas visitas ao Arquivo Nacional, com o fim de pesquisar as matrículas e a localização das casas de negócio dos comerciantes portugueses com vínculos com Bernardo (as famílias Maria do Amaral, Borges Monteiro, Lira da Silva).

Na sequência, analisaram-se os anúncios de venda das chácaras, extraídos do *Jornal do Commercio* no intuito de realizar uma interpretação sócio-cultural das formas de morar dos arredores do Rio de Janeiro, tendo como referência a chacara de Bernardo Casimiro de Freitas.

No mapeamento e levantamento dos moradores da vizinhança em torno da chacara aqui estudada enfrentamos algumas dificuldades, primeiramente porque não tivemos acesso a Décima Urbana a qual se encontra num projeto de restauração do AGRJ. Assim, decidiu-se realizar análise da relação de fogos da freguesia São João Baptista, mas neste documento não consta a localização do mesmo, apenas os nomes dos habitantes por quarteirão.

Buscou-se contato com o Instituto Moreira Salles com o propósito de conseguir complementar as iconografias dos arrabaldes das quais dispúnhamos de viajantes de época, e que estão reunidas na web do grupo de pesquisa.

Os anúncios, a iconografia e o Código de Posturas foram os principais materiais utilizados na pesquisa, porém cruzamos as informações destas fontes com outras disponíveis nos diferentes arquivos, dentre as quais: relatórios de eleitores de diversas freguesias; escritura de aforamento de terras; ofício e requerimento de moradores à Câmara; Atas de desapropriações e obras públicas, entre outras.

3. Resultados e discussão

3.1 Os costumes e o modo de morar através da análise dos Anúncios

Nos princípios do século XIX escreveu um anunciante em 19 de outubro de 1835 sobre o lugar em que se situava sua chácara, dizendo:

A vida campestre, a viçosa relva nas visinhanças de Botafogo, tem sempre feito o prazer do viajante inteligente; e o historiador em suas recordações, aponta esse retiro como panorama pitoresco: ali, aonde livre se respira o filosofo vive independente, e qualquer depois de seus afazeres, encontra descanso que necessita.

A beleza pitoresca era um ideal estético difundido por Debret e estava muito associado às formas de morar dos arrabaldes. Este estilo indicava uma nova relação entre o homem e o mundo, cuja característica principal era demonstrar o desenho urbano acentuando a paisagem natural.

O anunciante parece querer transmitir esta emoção sem descrever o lugar de forma objetiva, utilizando a idéia do pitoresco com a intenção de elaborar uma imagem diferenciada da propriedade para despertar o interesse dos seus leitores.

Esta descrição nos permite situar o discurso e o valor estético aos quais os arrabaldes estavam incluídos e desenvolver a idéia que estas representações consolidavam o projeto político da cidade do Rio de Janeiro de identificação dos arredores como um reduto da civilização.

Vende-se huma bonita chácara, logo a entrada do Caminho S. Clemente, ao pé da Praia de Botafogo, com boa casa de vivenda, muitos commodos, jardim na frente, cocheira, estrebaria e poço, toda arruada de arvoredos fructiferos, capim para 4 animaes todo anno, e juntamente na mesma chácara cinco moradas de casas, de portas e janellas na frente da mesma rua, com bons commodos, todas forradas, assoalhadas, com quintaes murados; quem pretender procure do Largo da Lapa do Desterro nº48. (*Jornal do Commercio*, 22 de janeiro de 1835)

No entanto, a implantação de um modelo arquitetônico não era um simples processo, uma vez que a qualidade ou defeito dos sobrados estão relacionados com o clima e as exigências sociais, culturais, familiares e econômicas vigentes.

Além do mais, o material arquitetônico sofria adulteração e falsificação, deste modo não há como criar uma única composição de chácaras e dos sobrados, apenas, pode-se padronizar as divisões internas das edificações como aparecem anunciadas.

Aluga-se por commodo preço uma morada de casas de dous andares novas e pintadas, com sótão e cocheira, poço e cavallariça para 4 animaes, no caminho Novo de Botafogo, muito perto da Praia. Tratar-se na outra morada de hum sobrado, junto a mesma. (*Jornal do Commercio*, 02 de julho de 1835)

Os elementos que os anunciantes valorizavam para a venda da casa eram a proximidade de estabelecimentos, chafarizes, poços de água, rios e da praia. O rio era nobre, onde os fidalgos poderiam tomar banhos pela manhã ou passear de bote no final da tarde.

Entretanto, a praia significa o lugar onde é despejado às imundices da cidade, onde os escravos descarregavam os barris de excrementos dos seus senhores. Então, por que o anunciante valorizou a proximidade da chácara com a praia no Caminho Novo de Botafogo?

Em 1839³, há o segundo processo da abertura de ruas realizadas pelo Conselheiro José Bernardo de Figueiredo, e apenas em 1843 o transporte de barco a vapor seria inaugurado.

³ “História dos bairros – memória urbana – Botafogo”. Grupo de pesquisa em Habitação e Uso do Solo Urbano da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Índex Editora / João Fortes Engenharia. Rio de Janeiro, 1983.

O ano da publicação do anúncio é 1835, momento em que Botafogo estava se estruturando enquanto uma freguesia semi-urbana, deste modo ainda não é a facilidade de transporte e do deslocamento os elementos principais que explicam a valorização da proximidade do sobrado com o mar pelos moradores.

“Conservou-se nesses sobradões dos princípios do século XIX a tradição, o velho gosto da vista para o mar” (Freyre, p. 306), por ai se explica, em parte, a razão pela qual a posse dos sobrados frente ao mar era apreciada, sobretudo, significava um prestígio social para os habitantes das chácaras porque eles poderiam ver das suas varandas e do pavimento superior a orla de Botafogo.

A proximidade com o mar significava também o maior contato com a civilização europeia através do qual se entravam produtos tais como as pedras utilizadas nas construções dos sobrados.

No Rio de Janeiro, utilizou-se largamente o granito das colinas, fazendo-se argamassa de cal de mariscos com areia do mar e barro. (FREYRE, p. 304).

As chácaras, casas de sítio ou casas assobradadas dependiam do mar para o fornecimento do óleo de baleia, o qual dava sustentabilidade para a argamassa das paredes.

O Mar também fornecia azeite de peixe para alumiar a sala e marisco para a produção do cal. Com o propósito de superar a irregularidade de abastecimento dos gêneros os moradores das chácaras dedicavam boa parte do terreno para a plantação ou reservam espaços para o fabrico de bolachas, queijo e pão.

Em anúncios de casa para vender no *Jornal do Commercio* de 03 de julho de 1835, a mesma aparece anunciada com padaria, confirmando a necessidade da produção doméstica: *“arrendar, e com preferência vender, as casas nº 18, 19 e 20, da rua larga do Brocó em Botafogo, com grande quintal e água de poço, servindo uma dellas para padaria por ter forno próprio para isso, com mais utensílios”*.

Outro elemento de diferenciação social era a utilização de vidraças nas janelas, o qual valorizava a residência semi-urbana, denotando a influência inglesa, como podemos notar em anúncio: *“a chácara no Caminho São clemente nº 28; casa envidraçada, portão na frente*

e nos fundos; boa casa com fornalha e cavallariça, capim e muitos arvoredos” (JC, 19/10/1835).

A presença de poços e águas nas chácaras sinaliza que o proprietário é bem-conceituado, uma vez que a população mais pobre precisava dos chafarizes públicos para saciar a sede e satisfazer suas necessidades básicas.

Para o caso da freguesia São João Baptista, atual Botafogo, os chafarizes públicos não recebiam a limpeza adequada, sendo um objeto de muitas reclamações por parte dos seus moradores. Como nos mostra uma correspondência publicada na sessão dos anúncios em 09 de março de 1835, no *Jornal do Commercio*; “Quando os habitantes do Botafogo, depois de grandes privações e incômodos virão na sua praia hum chafariz provendo-os de água..... O bicamente existiu quase sempre cheio de limo: a água, apesar de coada, às vezes cheia de escremento de Cavallo”.

Outra atividade relacionada aos costumes era o uso de cavalos nas ruas, os quais em 1838 ficam estabelecidos que somente às Ordenanças de Cavalaria devam conduzi-los.

A presença de animais no espaço público começa a ser controlada, mas os anúncios indicam que a maioria das chácaras dos arredores da cidade possuía plantação de capim ou forragem para o crescente número de animais que estavam a serviço dos ricos, contrariando o discurso elaborado pelas autoridades.

Aluga-se em Botafogo, principio do Caminho do Brocó, primeiro cancella à direita, huma boa casa para numerosa família, com chácara, jardim bordado de muda, com muitas flores, orla que dá muito interesse, pomar, ruas com arvoredos já com fructas; capim para 4 ou 6 animaes, e rio de boa água. Aluga-se por hum ou mais annos. Na mesma se vende hum carrinho descoberto, com Cavallo e arreio, e huma carroça de carga com dous pares de arreios. (*Jornal do Commercio*, 27de abril de 1835)

Isso demonstra que nem sempre os discursos políticos estão enraizados na dinâmica social, abrindo a possibilidade para pensarmos que as construções domésticas também se pautavam nas subjetividades e no pertencimento social dos seus moradores.

Debret (1978) descreve que a diferença entre a grande casa dos bairros elegantes do Rio de Janeiro é que o alto funcionário e o negociante reservavam o andar térreo às cocheiras e estrebarias, enquanto que na cidade o comerciante instala os seus espaçosos armazéns no primeiro andar, conservando apenas uma estrebaria.

Esta é a grande mudança para Bernardo Casimiro de Freitas quando ele resolve sair do centro carioca para morar nos arrabaldes, significava que este comerciante se tornava um negociante e esta nova condição estava refletida em sua casa.

A chácara do Caminho São Clemente não teria em seu andar térreo seus armazéns como era na freguesia da Candelária, mas sim as cocheiras e estrebarias com suas seges⁴.

Bernardo Casimiro deixa a moradia localizada na freguesia da Candelária⁵ inaugurando uma nova forma de morar no sobrado da Rua São Clemente nº 66, optando por residir numa habitação que tivesse um maior número de janelas na fachada e certas comodidades como cavalariça e cocheira.

Morar nestas chácaras afastadas do centro se constituía um luxo, sobretudo porque os aluguéis eram muito mais elevados e exigia-se o acesso aos transportes. Segundo Debret (1978), a casa de campo mais bela era a do Bispo do Rio de Janeiro que possuía escadaria, vestíbulos, secretaria, sala de recepção, gabinete, quarto dos hóspedes, quarto do bispo, varanda, galeria, quartos dos negros, jardim particular e entrada particular.

⁴ No Dicionário de Moraes e Silva sege significava “carruagem de passeio, pequena, de um só assento, com cortina por diante ou vidraça”. Ter sege era sinônimo de status elevado, porém o aluguel das seges possibilitava a representação social dos grupos menos desfavorecido porque qualquer pessoa poderia alugá-lo a fim de fazer várias visitas num mesmo dia.

⁵ A mudança deve-se também a preocupação com a saúde da família, tendo em vista a morte do pequeno José, em 1848. É provável que a perda do primogênito tenha levado Bernardo a redobrar cuidados com a saúde de suas meninas.

Assim, Bernardo Freitas era visto como um enobrecido, uma vez que era o dono de seges e detinha uma casa de campo que possuía elementos próprios da cultura dos mais enriquecidos da cidade.

Últimas palavras

Conclui-se que Bernardo Casimiro, o futuro barão da Lagoa, contribuiu na elaboração arquitetônica deste museu-casa, utilizando referências do seu cotidiano e re-significando os signos que fossem apropriados para a construção da sua imagem de negociante.

Quanto à construção do Caminho São Clemente define-se que o estilo de vida é uma premissa para a construção de um lugar; mas ele não determina a configuração das moradias, uma vez que elas são homogêneas e estão marcadas pela diversidade e ambiguidade.

O museu-casa expressa a transição do tipo rural de habitação nobre para o urbano, além do mais é uma construção doméstica a qual reflete as novas tendências sociais, vindas das ruas.

Seus palanques e suas varandas simbolizam a brecha para o estabelecimento de novas relações de espaço do homem com a área urbana, quebrando com as características construtivas consolidadas pelo sistema patriarcal.

As convenções patriarcais favoreceram a construção de casas menos higiênicas mais do que pelo material empregado, visto que as casas ficavam reservadas da rua, do ar e do sol.

Diferentemente, a chácara de Bernardo Freitas é uma construção que dialoga com a rua, não está fechada em si mesma, ao passo que se esconde através dos seus quintais tem em seus contornos o modo de morar de um negociante português.

Nessa perspectiva este estudo adquiriu uma característica inédita, visto que analisamos a arquitetura deste museu-casa de forma integrada e interdisciplinar, dialogando com a história social reforçamos a importância da conservação deste patrimônio.

Pesquisa em Biblioteca

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Documentação impressa

Posturas da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro Typographia Imperial e Nacional 1830

Posturas da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro Typographia Imperial e Nacional 1838

Biblioteca Nacional

Jornal do Commercio ano 1850

Jornal do Commercio dos anos 1872, 1875 e 1878

Associação Comercial do Rio de Janeiro

Jornal do Commercio ano 1835

Referências bibliográficas

ARAGÃO, Solange. *A casa, o jardim e a rua no Brasil do século XIX*. Em Tempo de Histórias - Publicação do Programa de Pós-Graduação em História PPG-HIS/UnB, n.12, Brasília, 2008.

_____. *Fontes documentais para o estudo da casa brasileira do século XIX*. Revista de pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: Programa de Pós-Graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2010.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1768-1848)*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Edusp, 1978.

LEMONS Carlos. *História da casa brasileira*. São Paulo: Contexto, 1989.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. 14. ed. São Paulo: Global, 2003.

REIS FILHO. Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

SANTOS, Ana Maria Pessoa dos. *Histórias de um jardim de chácara a bem cultural*.

Comunicação “Museu casa: memória, espaço e representações” da Fundação Casa de Rui Barbosa.

VIEIRA, Ana Lucia. *A Casa carioca: Estudos sobre as formas de morar (1750-1850)*.

Comunicação: II Encontro do Ambiente construído do século XIX, 2010.

Programa de renovação dos ambientes do Museu-Casa de Rui Barbosa: artefatos têxteis

Bolsista: Luz García Neira*

A pesquisa desenvolvida de agosto de 2010 a julho de 2011 realizada com bolsa concedida pela FCRB – Fundação Casa de Rui Barbosa, teve como principal objetivo alcançar a descrição tipológica de todas as espécies têxteis que teriam configurado, a título de padrão da época, os ambientes da casa de Rui Barbosa. O problema a ser pesquisado havia sido identificado pelo *Projeto de Renovação Museográfica 2009-2010*¹, onde se destacou de maneira especial que a ausência de têxteis na decoração e na ambientação dos cômodos diminuiu significativamente a capacidade de representar, por meio do espaço museográfico, o modo de viver de Rui Barbosa e de sua família.

Não só seus pesquisadores, mas também os visitantes sentem falta da aproximação da Casa ao ambiente doméstico de fins de século, onde proliferavam padrões, cores e texturas diferentes e múltiplas, uma verdadeira apologia à virtuosidade técnica em voga no período. Encontrando-se atualmente a museografia empobrecida e desprovida da identidade que havia sido imposta por seu proprietário, o objetivo da pesquisa sobre os artefatos e materiais têxteis passa a ser o de sustentar a reintegração de elementos aos espaços, possibilitando, por meio da experiência visual, uma maior aproximação à “forma de viver” de Rui Barbosa e de sua família. Trata-se, assim, de uma pesquisa que parte de objetos ausentes, cuja materialidade, tipologia e relação interna obedecem a funções práticas e simbólicas impostas pelos ambientes.

A complexidade da investigação é marcada pela necessidade de identificar as diferentes espécies têxteis que definiam o padrão de conforto e visual adequado ao interior da Casa.

* Licenciada em Artes Plásticas (Faculdade de Belas Artes de São Paulo), Mestre em Ciências da Comunicação (ECA-USP) e Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP), onde desenvolve pesquisa sobre o design de têxteis no Brasil. Leciona no ensino superior em São Paulo, na área de design gráfico e design de moda.

¹ Desenvolvido por Jurema Seckler (FCRB) e Profª Drª Marize Malta (EBA-UFRJ).

Veludos, damascos, brocados, algodões, sedas e rendas, como produtos da indústria moderna, conviviam com a produção doméstica ou híbrida de panos e bordados diversos. Enquanto os primeiros eram adquiridos no comércio especializado de importados e eram marcadores das posses da família, os trabalhos artesanais de agulha eram de responsabilidade da dona da casa que os produzia ou adquiria para adornar os ambientes, numa demonstração de zelo e de qualidades positivas no desempenho dos papéis de esposa e mãe. Além desses, haveria a presença de tapeçarias e tapetes, que por vezes podem ter sido considerados objetos de muito valor, e configurados – inclusive, mas não invariavelmente –, como obras de arte e, portanto, capazes de identificar a erudição de seus habitantes.

Essa diversidade material, contudo, ainda que se apresente simultaneamente em cada um dos diferentes ambientes na forma de uma composição harmoniosa, resulta das incontáveis trocas e substituições que foram realizadas ao longo dos vinte e oito anos nos quais a família viveu na Casa. A especificidade têxtil caracteriza-se pela efemeridade, tanto em função de sua baixa resistência física como espécie material, quanto em virtude de sua sujeição à moda. Assim, os ambientes a serem renovados, na verdade seriam originários de um processo de acúmulo particular, ao qual há poucas vias de acesso. As referências fotográficas ou trazidas por outros documentos servem apenas à necessidade de se estabelecer um ponto de referência – ou “momento histórico” como sugere Halvorson (2000) –, útil à necessidade de se colocar alguns limites interpretativos que nos permitirão alcançar objetos, mas cuja interpretação deve ser reconhecida como frágil em virtude de sua limitação como obra estática.

A dificuldade de tratar desses itens é compensada pela riqueza de sua materialidade e pelo ganho do espaço expositivo com sua presença. Os têxteis são responsáveis por humanizar e personalizar os ambientes (Schoeser, 2003) justamente porque são diferentes entre si tanto em sua estrutura, quanto em sua superfície. Essas diferenças permitem que se identifiquem as tendências estéticas que singularizam o tempo e o espaço de cada um daqueles ambientes.

A pesquisa empreendida não esgota todas as possibilidades de produção de novo conhecimento, já que seu objetivo foi o de alcançar uma descrição objetiva dos artefatos que porventura tivessem decorado aquela Casa – ou seja, atingir sua especificação como determina o Projeto inicial –, bem como compreender sua presença naquele tempo e espaço. Este artigo limita-se a apresentá-la de maneira breve, pontuando sua fundamentação, o contexto no qual o problema da renovação foi identificado e, por fim, a metodologia utilizada para proceder a identificação das espécies materiais.

A trajetória dos têxteis: da casa de Rui Barbosa ao Museu-Casa

No final do século XIX, era comum que os ambientes domésticos exibissem muitas padronagens simultaneamente. Papéis de parede, cortinas, almofadas, estofamentos, tapetes, toalhas, paninhos e outros, compunham praticamente todos os cômodos do lar burguês e eram uma demonstração das posses da família e também do bom ou mau gosto de seus proprietários.

Aos poucos o lar foi se tornando um repositório de peças escolhidas e dispostas cuidadosamente sobre e sob o mobiliário. O apogeu industrial, o consumo como evento social e até mesmo como lazer, a mulher e sua associação ao zelo da casa, a posse e a ostentação de produtos industriais e/ou artísticos como exigências de socialização distintiva, entre outras, tornaram o ambiente doméstico uma fonte de prazer e desfrute para a família e especialmente para o homem, que àquele momento, trouxe para dentro de sua casa algumas de suas relações profissionais.

Nesse contexto, provavelmente, a casa onde Rui Barbosa e sua família viveram, esteve repleta de artefatos têxteis que condiziam com as práticas do período. A particularidade de sua trajetória em função de sua atuação política, contudo, parece ter conferido mais detalhes ainda mais a casa da Rua São Clemente.

Adquirida no ano de 1893, a família só passou a residir nela em 1895, depois de seu retorno do exílio, após ter passado por Buenos Aires, Lisboa e Londres. Durante esses dois primeiros anos, a Casa ficou aos cuidados de familiares e amigos que coordenaram a reforma e a mudança da antiga residência alugada no bairro do Flamengo. No retorno da

família, a casa estava pronta à espera dos objetos que foram acumulados durante as viagens, os quais, segundo consta, eram escolhidos por Rui pessoalmente (Scarpeline, 2009).

Em virtude do processo de transformação da casa em um Museu (o que só ocorreu de forma definitiva em 1930) e, também, devido ao contínuo desgaste e substituição dos têxteis desde então, grande quantidade e variedade de artefatos dessa espécie que originalmente existiam na casa perdeu-se. Os poucos exemplares originais ainda existentes encontram-se particularmente comprometidos apesar de os ambientes, de maneira geral serem bastante representativos (Scarpeline, 2009). Além disso, nem tudo o que foi substituído ao longo de oito décadas é considerado hoje fiel ao padrão decorativo da época.

Estima-se que o interior da Casa e a sociabilidade ao redor dele, condizia com o comportamento esperado de proprietários que praticavam trabalho intelectual, desenvolveram gosto artístico e, por fim, desfrutaram da vida urbana com interesse pela cultura, pela ciência e pela modernidade. Daí que a ausência de detalhes e variedades têxteis capazes de recuperar traços da personalidade dos ambientes e de seus habitantes bem como o papel que cada indivíduo neles desempenhava, são muito sentidas e deseja-se reincorporá-los ao Museu-Casa.

À época de Rui, nos ambientes sociais mais ricamente decorados (sala de música, sala de jantar, salão de festas e sala de visitas) destacavam-se os tecidos pesados e luxuosos; certo romantismo e detalhamento, com florais, profusão de ornamentos e bordados poderiam ser vistos nos ambientes íntimos (quarto do casal e quarto de vestir de Dona Maria Augusta) e o espírito prático e funcional deveria dominar os ambientes de trabalho e os eminentemente masculinos (biblioteca, escritório, sala de fumar/estar e quarto de vestir de Rui Barbosa). Essas diferenças materiais atendiam à função decorativa, higienista e ostentativa que os têxteis desempenhavam simultaneamente. De acordo com cada cômodo e sua funcionalidade inerente, percebe-se que a seleção estava alinhada ao conhecimento científico e à moral da época.

A distribuição das espécies têxteis também acentuava os diferentes papéis dos gêneros na ocupação do espaço interior. Enquanto os ambientes sociais seriam praticamente

desprovidos de exemplos de trabalhos manuais, nos quartos de dormir e de vestir eles poderiam se destacar, demonstrando que o masculino está mais ligado ao sóbrio, à ciência e à modernidade, e o feminino conectava-se à emoção. Esses, bem como outras ousadas decorativas, também eram aceitos na sala de jantar e almoço, momento no qual a dona de casa tinha a oportunidade de exibir seu gosto, personalidade e dotes.

Assim, apesar das particularidades da Casa, das oscilações e descontinuidades possíveis em ambientes similares, de itens obrigatórios e opcionais que poderiam ter existido nos cômodos, os móveis, estofados e cortinas teriam sido revestidos por tecidos produzidos pela indústria, enquanto os têxteis com funções puramente decorativas ou de detalhes de gosto particular, correspondiam a espécies artesanais ou que as lembravam, de feitiço manual ou produzidas por máquinas de costura e bordado. Tapetes e tapeçarias também podiam ser tecidos por máquinas ou por processos artesanais, valorizados inclusive por sua suposta aura artística. Todas essas espécies materiais foram mais ou menos predominantes em cada situação decorativa e os artefatos, provavelmente, iam vestindo a casa aos poucos: tudo não há de ter sido posto ao mesmo tempo.

A proposta de renovação dos ambientes, apesar das camadas de aquisição, refere-se a um momento específico, que gira ao redor de 1923, momento de datação das principais fotografias de referência. Tanto as espécies industriais quanto as domésticas que foram identificadas nas imagens, têm a sua renovação dificultada pelas atuais condições de produção de similares, que são muito diferentes em termos materiais das condições originais que lhes conferiam materialidade e visualidade distintas das atualmente produzidas.

Para a renovação dos ambientes essa questão tem grande importância porque todas essas variedades não só se organizam de maneira particular segundo cada cômodo, como conferem aos ambientes características que reverberaram no arranjo social. É por essa razão que a identificação da procedência dos artefatos, responde a uma demanda de pesquisa de ordem prática e ao mesmo tempo ética (Halvorson, 2000), que permite que cada objeto seja interpretado em seu papel naquele contexto, a partir do conhecimento de seu modo de produção, circulação e consumo (Cardoso, 2004).

Atendendo a essa premissa, segundo o critério de produção/obtenção dos artefatos têxteis, duas metodologias foram desenvolvidas simultaneamente para possibilitar a compreensão dos produtos da indústria bem como os artefatos de origem doméstica ou que a ela se remetem. Em termos metodológicos, optou-se por dois caminhos distintos em função da origem dos artefatos, após uma primeira imersão na problemática dos têxteis especificamente com a realização de visitas técnicas a Museus-Casa², acesso a acervos de têxteis e de documentos a eles relativos³ e aprofundamento teórico ao tema.

Assim, no que tange aos tecidos oriundos da indústria, as etapas da pesquisa foram:

1) levantamento bibliográfico sobre tecidos comuns nos lares similares e identificação de tipologias mais comuns; 2) interpretação direta das fotografias de referência; 3) interpretação indireta das fotografias de referência; 4) verificação (por fotografias) dos fragmentos têxteis da casa, de possíveis exemplares constituintes dos cenários do período de referência; 5) indicação, após comparação das referências fotográficas com fontes bibliográficas e de materiais têxteis, de tecidos apropriados.

Para os têxteis domésticos a metodologia abrangeu: 1) identificação, nas fotografias, de artefatos têxteis de produção doméstica, sobretudo rendas e bordados; 2) tentativa de identificar pelas fotografias, quaisquer dados deflagradores das técnicas empregadas; 3) pesquisa em materiais bibliográficos de referência, revistas da época e livros de trabalhos manuais das construções e utilizações dos trabalhos domésticos; 4) sugestão de artefatos têxteis para a composição de todos os ambientes, bem como indicação de possíveis técnicas de elaboração.

O processo de interpretação, desse modo, deu-se a partir dessas ações investigativas que instrumentalizaram a pesquisa, pois não se tratou somente de identificar uma espécie

² Leighton House Museum, John Wesley's House, Sir John Soane's Museum, 18 Stafford Terrace e o Geffrye Museum.

³ MoDA Museum – The Museum of Domestic Design & Architecture, Antique Textile Fair (Londres, setembro/2010), Victoria & Albert Museum, National Art Library, Biblioteca e Serviço de Objetos do Museu Paulista – USP, Museu Imperial (RJ)

material, mas, sobretudo interpretar as diferentes fontes consultadas e alcançar possíveis tipologias, descartando outras. O conhecimento adquirido pelo estudo dos materiais permitiu estabelecer dados *a priori* sobre o padrão da época com respeito a cada tipo de ambiente e, a partir disso confrontar tais informações com as fotografias e com as referências textuais, deu-se origem a uma documentação que organiza tipos de tecidos, padrões de ornamentação e padrões cromáticos possíveis para cada ambiente. Foi possível a proposição de um discurso visual harmonioso para cada ambiente em si mesmo e, também, no conjunto dos ambientes, marcando suas diferenças e ao mesmo tempo conferindo homogeneidade ao padrão decorativo da casa.

Conclusões parciais

O papel social que os têxteis exerciam a partir de sua distribuição nos ambientes domésticos na passagem do século, não poderá ser recuperado junto ao visitante do Museu-Casa de Rui Barbosa, a não ser pela divulgação do conhecimento produzido por esta e por outras pesquisas. Pode-se esperar, contudo, a partir da execução do projeto de renovação dos artefatos têxteis, o enriquecimento da experiência da visita a partir da ampliação da percepção da Casa pelo visitante.

Os têxteis, na Casa, a partir da adequada definição e reprodução de artefatos, cores, materialidades e padrões, auxiliarão o visitante a compreender os ambientes e suas funções originais e o papel dos indivíduos sobre cada ambiente. Os visitantes poderão perceber, também, a existência de diferentes origens, modos de circulação e consumo dessas espécies materiais, gerando diferenças na valorização dos artefatos em função de sua circulação na sociedade. Por fim, será possível dar-se conta da existência de tendências estéticas presentes nas casas e em seus interiores, que marcam tempo e espaço e que, por fim, impõem parâmetros que nos distanciam daquela sociedade, percebendo, portanto, o fluxo da história.

Cumprindo com o compromisso histórico ao qual esta pesquisa se submete, as orientações para a renovação dos ambientes procuram respeitar não só a visualidade têxtil (em cores e padrões) que marcou a passagem do século, mas também, a materialidade (em materiais,

texturas e volumes) que caracterizavam cada artefato identificado pelos documentos consultados. Apesar desse critério, contudo, deve-se reconhecer a interferência da interpretação pessoal, além das limitações que porventura será necessário enfrentar, no distanciamento dos têxteis contemporâneos dos finisseculares. Assim, considera-se que os resultados alcançados e a organização das informações permitem dar sustentação histórica à a renovação dos ambientes, mas, ainda assim, são parte de uma etapa de criação para uma nova museografia para a Casa.

Referências bibliográficas

APPADURAI, A. *The social life of things*. Commodities in cultural perspective. New York: Cambridge, 1986.

CARDOSO, Rafael. *Uma introdução à história do design*. 2 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.

DESIGNS OF FURNITURE ILLUSTRATIVE OF CABINET FURNITURE AND INTERIOR DECORATION: specially designed for James Shoolbred & Compy. Tottenham House, Tottenham Court Road, W. Cabinet furniture and upholstery, carpets, curtains, French and English paper hangings, interior decorations, &c. James Shoolbred & Co., London, 1876.

FREITAS, Maria Vitorina. *Artes e ofícios femininos*. Tecnologia. São Paulo: Linográfica, 1948.

HALVORSON, Bonnie. Modern Replacement Fabrics in Historic Interiors: Ethical and Practical Concerns. In: *The conservation of heritage interiors: preprints of a conference symposium 2000*, Ottawa, Canada, May 17 to 20, 2000.

SCARPELINE, Rosealeane. *Lugar de morada como lugar de memória: a construção de uma casa-museu, a Casa de Rui Barbosa – RJ*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: IFCH, 2009.

SCHOESER, Mary. *World textiles*. London: Thames and Hudson, 2003.

THE DEVELOPMENT OF VARIOUS DECORATIVE AND UPHOLSTERY FABRICS.

F. Schumarcher & Co., New York, c1924.

Estudo das encadernações de livros da coleção Rui Barbosa do século XIX

Ana Roberta Tartaglia

Orientador: Edmar Moraes Gonçalves

Resumo: O presente projeto nasceu da pesquisa para dissertação de mestrado de Edmar Moraes Gonçalves, chefe do Setor de Preservação da FCRB: *Estudo das estruturas das encadernações de livros do século XIX na Coleção Rui Barbosa - Uma contribuição para a conservação-restauração de livros raros no Brasil*¹, que investigou as encadernações brasileiras dentro da coleção, através das marcas de procedência e das análises das estruturas dos livros. Portanto, a pesquisa *Estudo das encadernações de livros da coleção Rui Barbosa do século XIX*, nasceu da necessidade de estudar mais amplamente o tema abordado anteriormente por Edmar Moraes Gonçalves, com o objetivo de tentar trazer à tona, mais elementos que se mantinham adormecidos na coleção, para que fosse possível montar um panorama desta atividade no século XIX.

Palavras-chave: Biblioteca Rui Barbosa, encadernação, livrarias brasileiras.

Introdução

No século XIX, a imprensa entra na vida do brasileiro de maneira definitiva com a instalação da tipografia real, em 1808. Mais adiante, em 1821, com a Independência do Brasil e sua abertura comercial, possibilitando a instalação de outras oficinas particulares, surge a necessidade de mão de obra para todos os ofícios que se relacionavam de maneira íntima com o livro. Neste cenário, muitos estabelecimentos apresentavam vários serviços para o novo mundo das artes gráficas, como tipografia, litografia, loja de papel, oficina de encadernação e como carro chefe, a livraria.

¹ GONÇALVES, Edmar Moraes. *Estudo das estruturas de encadernações de livros do século XIX na coleção Rui Barbosa: uma contribuição para a conservação-restauração e livros raros no Brasil*. UFMG: Escola de Belas Artes, 2008 (Dissertação de Mestrado em Artes).

Algumas das livrarias francesas que abriram filiais aqui, trouxeram o conceito, hoje tão comum entre nós, da livraria como um local de prazer, de livre leitura e de uma boa conversa entre seus frequentadores. A livraria então, mais que um local de venda, era um espaço de convivência e conhecimento. E normalmente, se vendia quase de tudo: desde a pastilha para tosse ao guarda-chuva. Alguns dos mais famosos livreiros, possuíam este comércio misto no início de seu negócio, como a Livraria Universal dos irmãos Laemmert, por exemplo.

No início da pesquisa, o objetivo primeiro era conhecer mais profundamente o contexto social e histórico em se desenvolveu o negócio dos livros, e de identificar como era a atividade de encadernação no século XIX. Não foi surpresa encontrar muito mais material sobre as tipografias e livrarias do século XIX da cidade do Rio de Janeiro, do que sobre as oficinas de encadernação. Porém através deste estudo, foi possível elaborar um pequeno histórico de algumas das livrarias e oficinas frequentadas por Rui Barbosa, contribuindo assim, para ampliar o conhecimento global da coleção.

Posteriormente, uma parte extensa da pesquisa iniciou com a vistoria dos livros da Biblioteca Rui Barbosa, seguido de um cadastramento e levantamento das marcas de proveniência encontradas – etiquetas, douração e gravação, carimbos e impressos, que poderiam nos indicar caminhos sobre as origens brasileiras dos volumes no acervo. O contato com a coleção Rui Barbosa foi um mergulho no universo livreiro, com suas particularidades e surpresas.

Um dos aspectos mais importantes foi a busca das marcas de procedência dos volumes brasileiros: o levantamento e seleção das encadernações brasileiras do século XIX, dentro da coleção Rui Barbosa, para identificação dos volumes que foram encadernados no Brasil, e observação e análise de estruturas e características de encadernação. Rui Barbosa tinha o costume de mandar encadernar muitos de seus livros na França, porém, também se utilizava dos serviços locais. Um dos desafios deste estudo foi tentar identificar, quais eram e se existiam diferenças nas estruturas, estilos e materiais utilizados entre as encadernações produzidas no Brasil e as produzidas no exterior.

Foi necessário fazer um entrelaçamento de várias informações coletadas, para formar um panorama das encadernações de Rui Barbosa, tentando identificar quais possivelmente seriam encadernações brasileiras, mostrando seu quantitativo, sua variedade, estilo e realizando estudos das estruturas de encadernação, em volumes pinçados do acervo.

Neste artigo, estão alguns dos tópicos abordados no relatório de finalização da bolsa do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura da Fundação Casa de Rui Barbosa, como as etapas do projeto, o cenário onde se desenvolveu a atividade livreira e de encadernação no século XIX, a busca dos livros brasileiros, as marcas de procedência encontradas e para finalizar, algumas das muitas curiosidades encontradas durante este estudo.

Etapas

- Levantamento bibliográfico específico;
- Levantamento das encadernações brasileiras dentro da Coleção, com foco nas marcas de procedência do Rio de Janeiro;
- Documentação fotográfica de itens selecionados da Coleção Rui Barbosa;
- Seleção de livros encadernados no Rio de Janeiro para análise;
- Análise dos materiais componentes: de fios, tramas, cabeceados;
- Estudo e ilustração das costuras dos livros selecionados.

Objetivos

Esta investigação teve como objetivos: em primeiro lugar, auxiliar o conhecimento global da coleção, revelando as estruturas e estilos mais encontrados como características da época estudada e em segundo lugar, os estudos de estruturas de encadernação do século XIX para futura aplicação nos tratamentos de conservação-restauração realizados pelo LACRE, o Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Gráficos da FCRB.

Cenário

Cabe explicar que o século XIX aqui foi “alongado”: ele se estende até o ano da morte de Rui Barbosa, em 1923, devido ao fato de que até esta data, o mesmo continuou adquirindo e recebendo lotes de livros enviados por seus livreiros favoritos, para que escolhesse títulos de seu interesse. Por este motivo, a coleção tem uma característica interessante: abrange um grande período e mostra muitas transformações nas estruturas dos livros, e, embora o estudo estivesse focado no fazer manual, a industrialização do processo não foi ignorada.

Foi no século XIX, que a imprensa entrou na vida do brasileiro de maneira definitiva, com a instalação da Imprensa Régia, em 1808, única tipografia autorizada a funcionar no Brasil. É certo que havia livros e vendedores de livros no Brasil antes deste acontecimento. O que não havia era produção nacional. Esta só ganharia volume, após a Independência do Brasil, em 1822, e sua abertura comercial, possibilitando a instalação de outras oficinas particulares, surgindo então a necessidade de mão de obra para todos os ofícios que se relacionavam de maneira íntima com o livro. Neste cenário, muitos estabelecimentos apresentavam várias possibilidades de serviços para o novo mundo das artes gráficas, como tipografia, litografia, loja de papel, oficina de encadernação e como carro chefe, a livraria.

A livraria, mais que um local de venda, era um espaço de convivência e conhecimento, e também onde se podia encontrar quase de tudo: desde a pastilha para tosse ao guarda-chuva. Alguns dos mais famosos livreiros, possuíam este comércio misto, como na Livraria Universal dos irmãos Laemmert, por exemplo. O comércio podia ser misto, já os funcionários... Um ponto a favor dos alemães era a aceitação de brasileiros como funcionários, ao contrário de B. L. Garnier, onde até certa época, só trabalhavam franceses.

Apesar de só haver uma mudança no comércio carioca, quando da chegada de D. João VI e a instalação da imprensa, as oficinas de livreiros só se tornariam livrarias de verdade, ou seja, um lugar onde predominantemente se vendia livros, a partir da década de 1840.

Contudo, ainda do início do século XIX e até sua metade, a venda de livros era uma atividade difícil de se manter, pois as vendas nem sempre eram rápidas e o capital investido era lentamente recuperado, portanto era comum ainda existirem estabelecimentos mistos:

[...] para preservar o seu negócio, os livreiros eram obrigados a trabalhar com os mais diversos produtos: artigos de papelaria, chá, fumo, louça. A etiqueta da firma F.J. Abranches, instalada no Rio de Janeiro, nos bons e tranqüilos anos de 1850, indica que a loja vendia livros usados, mas funcionava também como “oficina de consertar objetos de louça”.²

O surgimento de uma indústria gráfica desponta entre 1840 e 1850 e o livro passa a ser visto como mercadoria,

Na verdade, a própria criação do mercado de livros para leigos, foi obra dos tipógrafos da época, ansiosos por aumentar a demanda [...] para o novo produto, quando se deram conta de que apenas a clientela de clérigos era limitada.³

Iria mais além afirmando que não apenas uma clientela de clérigos, mas de intelectuais e de profissionais que dependiam do livro em seu cotidiano, em seu trabalho. O livro passou a ser uma mercadoria para o lazer, para o conhecimento geral. Este novo foco, fez com que, na virada do século XIX para o século XX, ocorressem mudanças na confecção e construção do produto livro, influenciando diretamente em sua qualidade final,

A imagem do volume luxuosamente decorado e reservado somente às elites abastadas e ao saber erudito, perdeu gradualmente espaço para as brochuras feitas a baixos custos, interessadas em fornecer aos leitores informação rápida, entretenimento e diversão. Para facilitar a leitura, imagens e detalhes gráficos tornavam-se itens imprescindíveis.⁴

As brochuras, que aos poucos foram substituindo os livros cartonados ou de capa dura, e estão hoje completamente estabelecidas em nosso cotidiano, são exemplos de um tipo de encadernação construída inicialmente para a viabilização e barateamento do processo industrial. Era um produto pré-encadernação, ou seja, se adquiria a brochura, para posteriormente mandá-la a uma oficina de encadernação para a aplicação da capa dura, ao

² MACHADO, Ubiratan Paulo. *A etiqueta de livros no Brasil: subsídios para uma história das livrarias brasileiras*. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 13.

³ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. Ed. São Paulo: Edusp, 2006, p. 77.

⁴ EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 8.

gosto do cliente. Porém, com as evoluções tecnológicas na área de impressão, de papel e de costura industrial, as brochuras foram se estabelecendo e permanecendo nas coleções em suas formas originais. E se tornaram testemunhas oculares da decadência da encadernação clássica, no século XX.

Livros brasileiros na coleção

A biblioteca de Rui Barbosa é composta por sete salas. Como o primeiro estudo realizado por GONÇALVES (2008) focalizou a Sala Constituição, a maior dentre elas, esta pesquisa trabalhou com as outras salas: Civilista, Casamento Civil, Código Civil, Haia e Corredor Ruiano.

Além do levantamento das encadernações que teriam sido realizadas no Brasil, sobre tudo no Rio de Janeiro, através de uma vistoria nos livros da Biblioteca, onde mais uma vez as marcas de procedência seriam fundamentais, outros aspectos como estilo, materiais empregados, tipos de construção e estado de conservação também foram observados. E analisado estes critérios, é possível dividir a Coleção em três grandes grupos: as encadernações feitas de forma manual, com materiais em sua maioria artesanais, chamadas *encadernações artesanais*; as que apresentam materiais industriais e encadernação parcial ou integral em máquinas, as *encadernações industriais*; e finalmente as *brochuras*, que por possuírem capa flexível e costuras muito rudimentares, não foram avaliadas no estudo.

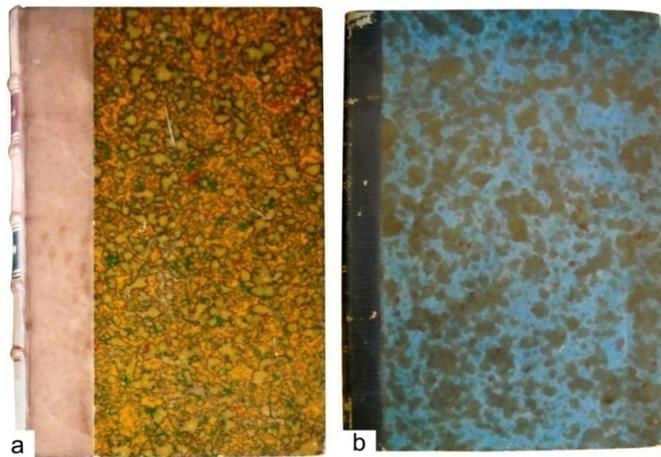
Encadernações artesanais

As encadernações artesanais geralmente apresentavam lombada em couro e meia cobertura em papel marmorizado (artesanal) ou fantasia (industrializado) e guardas em papel marmorizado. Guardas impressas com florões ou outros motivos também foram encontrados, mas estes livros já eram do limiar do século XIX e XX, onde os livros ganharam mais inovações com a evolução da indústria gráfica e estilos diferenciados.

O miolo do livro era costurado sobre nervos, de 2 a 3 dependendo do tamanho da obra, e costumavam ter de 4 a 5 nervos falsos na lombada. Havia douração na lombada, por vezes com florões, frisos e molduras. Livros de espessura fina geralmente apresentavam a lombada lisa, sem falsos nervos, e douração apenas com o nome da obra e do autor.

Este tipo de encadernação não era exclusividade local, ou seja, era feita tanto aqui quanto na França, em Portugal e muitas vezes com material idêntico. Existiam lojas no Rio de Janeiro, como os Irmãos Morange, que vendiam materiais para encadernação e papéis decorados importados da França, dificultando a tentativa de identificar o que seria puramente brasileiro através da observação dos materiais. Outro ponto importante, é que nem todo livreiro ou oficina de encadernação ‘assinava’ seus livros, o que também torna difícil a identificação da origem da encadernação.

A maioria dos livros examinados na coleção, que possuem marcas de procedência, pertence a este grupo.



Exemplos de encadernações artesanais – (a) uma encadernação francesa, editado em 1921 (A1 e 17) e (b) editado e encadernado por H. Laemmert, no Rio de Janeiro, sem data (B25 c 11).

Encadernações industriais

As encadernações produzidas em escala industrial começaram a aparecer na coleção a partir da metade do século XIX, e eram são em sua maioria estrangeiras, sobretudo inglesas. Suas características físicas são: cobertura inteira em tecido para encadernação revestido e/ou texturizado, com gravações a seco ou dourações.

A gravação passou a ter cores como branco, vermelho, preto, e não mais somente o dourado. As guardas já não eram mais feitas com papéis marmorizados e sim, com

impressos em florões, motivos geométricos e outros, ou simplesmente lisas. A costura do miolo nem sempre possuía nervos e quando havia, estes eram tiras de algodão.

As lombadas eram lisas, sem nervos e normalmente o volume tinha o tipo de construção *capa solta*: com miolo e capa produzidos separadamente e reunidos somente na fase de acabamento. Uma das características que identificam este estilo é a canaleta entre a lombada e a capa, que na encadernação artesanal utilizada até então, não existia. Já na virada para o século XX, começam a aparecer na coleção, os volumes industriais feitos no Brasil, mas seguindo o modelo estrangeiro.



Encadernações industriais – (a) editado por J. Leite Ribeiro e Maurillo - RJ, em 1920, com encadernação assinada por Alamithe Pinto & C. Encadernadores (E9 1 10); (b) encadernação que explorou diferentes recursos de gravação e impressão, por Casa A. Moura - RJ, 1910 (D2 c 26).

Marcas de procedência

Além da parte histórica sobre o cenário livreiro no século XIX, estudos técnicos sobre estilos de encadernação, alguns hábitos de aquisição e conservação praticados por Rui Barbosa, a busca das marcas de procedência existentes na coleção foi uma parte muito importante da pesquisa.

Hoje, por meio das marcas podemos acompanhar os locais em que estiveram estabelecidos, os estilos de anúncios através das décadas, o avanço da tecnologia, e a modernização do

comércio e das práticas comerciais. Uma das grandes inovações do fim do século XIX foi a introdução do *telephone*, e primeira firma a anunciar no *Almanack Laemmert* esta novidade foi Moreira, Maximino & C., no ano de 1882: “Comunicação telephonica nº 30.” Aos poucos, outras firmas aderiram a esta inovação e ao telégrafo urbano, como novos meios de comunicação. Mais tarde surgiu a caixa postal, o fax e por fim, nestes tempos de internet, o endereço eletrônico.

Marcas de procedência encontradas nos livros são verdadeiras chaves para o conhecimento sobre os estabelecimentos: por meio delas podemos acompanhar os locais em que estiveram estabelecidos, os estilos de anúncios através das décadas, o avanço da tecnologia, a modernização do comércio e das práticas comerciais.

Dentre as marcas de procedência encontradas na coleção, as etiquetas em papel, por sua versatilidade e pela facilidade crescente das técnicas de impressão, foi o tipo de marca mais encontrado. As etiquetas eram feitas para durar para sempre e realmente duraram: algumas etiquetas dos livros da coleção Rui Barbosa, parecem tão frescas como quando no dia em que foram colocadas.

A Livraria Universal emitiu mais de 50 tipos, variando os dizeres, os formatos, as cores, utilizando papéis especiais e até metalizados. Produziram algumas das etiquetas mais primorosas encontradas na coleção, que por vezes se assemelhavam a selos ou a pequenos anúncios publicitários.



Alguns livreiros mandavam imprimir suas etiquetas em Paris, como se fossem requintados cartões de apresentação. Conferia status, diríamos hoje, pois havia uma imensa distância na qualidade gráfica entre as etiquetas impressas no Brasil e na Europa.

Algumas das marcas de estabelecimentos da cidade do Rio de Janeiro que tiveram suas imagens capturadas dos livros da coleção apresentam estilos e tipos variados, entre carimbos, dourações, relevo seco e etiquetas em papel.



Estudo de caso

Foram escolhidos cinco volumes para estudos no laboratório de conservação com a intenção de observar suas costuras, seus estilos e materiais componentes. A princípio, foi possível proceder o estudo sem ter que desencadernar os livros em apenas três dos volumes escolhidos; foi preciso desencadernar dois volumes para observar melhor suas costuras e métodos de construção:

- Livraria Clássica, de Nicolao Alves & Cia;

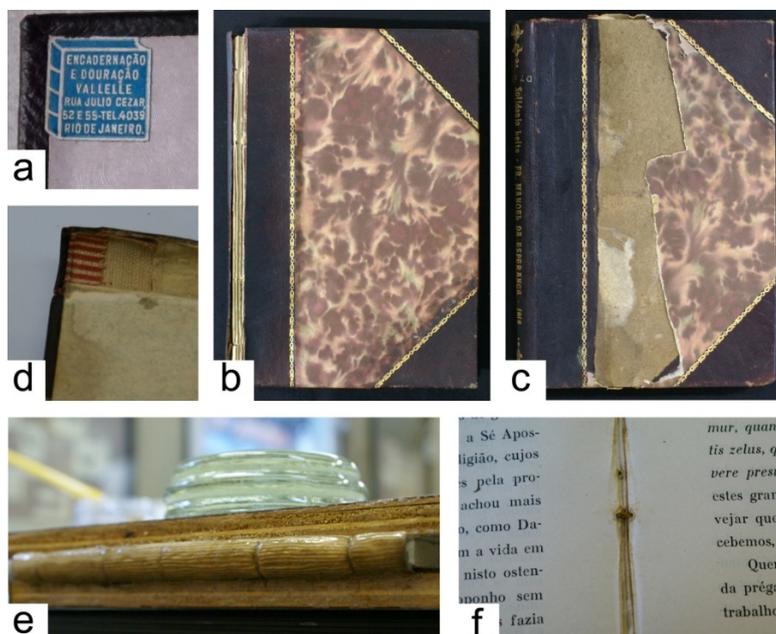
- Livraria Cruz Coutinho, de Jacintho Ribeiro dos Santos;
- Encadernação e Douração Vallelle - *volume desmontado*;
- Ao Missal de Lombaerts - *volume desmontado*.
- Encadernação e Douração Farias & Freitas

Conhecer as estruturas de encadernação utilizadas nesta época é importante por dois motivos principais: em primeiro lugar, para que se tenha registro do fazer antigo, de como era a atividade da encadernação na época em que era praticamente, senão completamente, desenvolvida de modo artesanal.

E em segundo lugar esta pesquisa visa contribuir positivamente para o conhecimento histórico e tecnológico da encadernação brasileira do século XIX, construindo como fonte de consulta um banco de dados, com fotografias, ilustrações e protótipos que reproduzam as técnicas de encadernação de cada representante aqui escolhido.

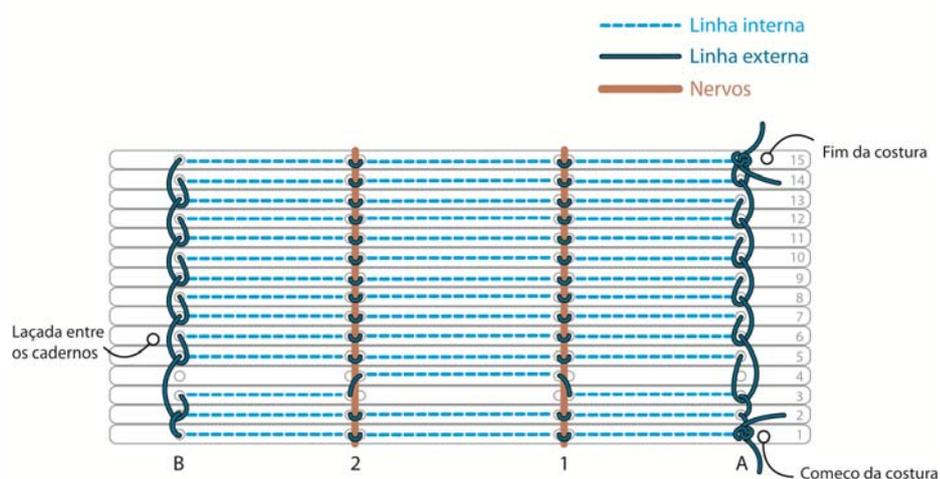
Contando com as estruturas estudadas por GONÇALVES (2008) e as aqui apresentadas, são onze estudos de caso, que podem servir para consultas futuras e auxiliar outros estudos em encadernação brasileira do mesmo período.

Encadernação e Douração Vallelle

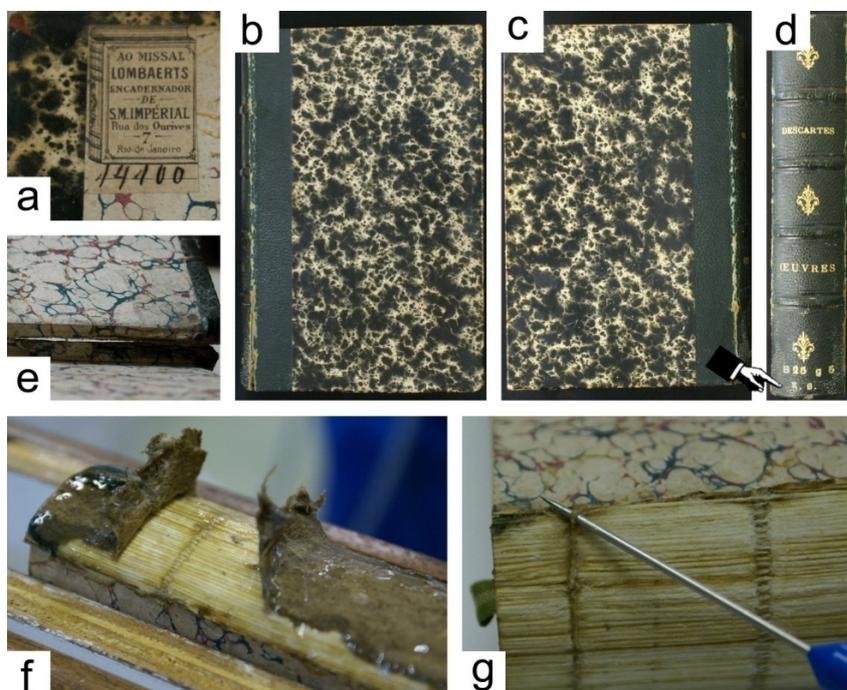


Desmonte de livro da Encadernação e Douração Vallelle (D7 a 24) e algumas de suas etapas; (a) etiqueta; (b e c) frente e verso do volume; (d) detalhe do cabeceado em tecido, aderido à lombada; (e) aplicação de metilcelulose ao dorso para retirada de resíduos de cola; (f) detalhe da costura.

Encadernação e Douração Vallelle

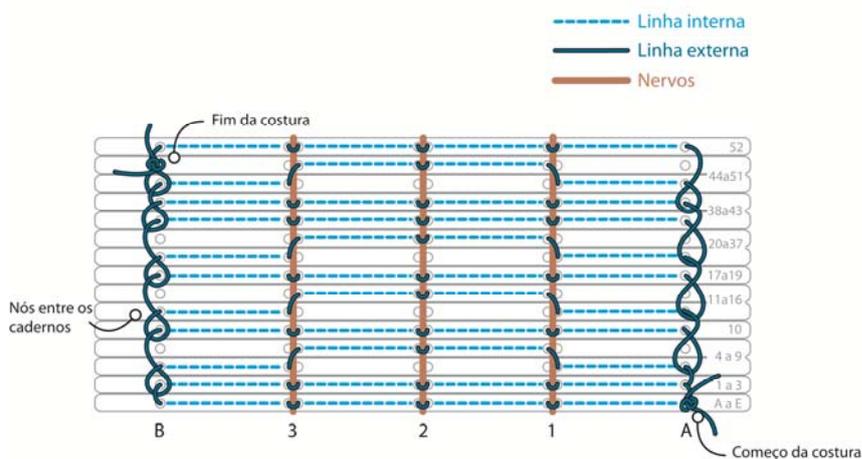


Ao Missal de Lombaerts



Desmonte de livro de Lombaerts (B25 g 5) – (a) etiqueta e detalhe da cantoneira sob a cobertura; (b, c) frente e verso do volume e os danos na lombada; (d) lombada com iniciais R.B. gravadas em tipo gótico, característica observada em outros livros do mesmo encadernador; (e) rompimento do festo da guarda; (f) dorso com metilcelulose aplicada; g) detalhe do nó de finalização da costura.

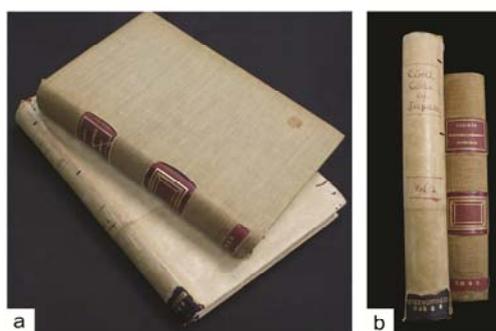
Ao Missal, Lombaerts



Curiosidades

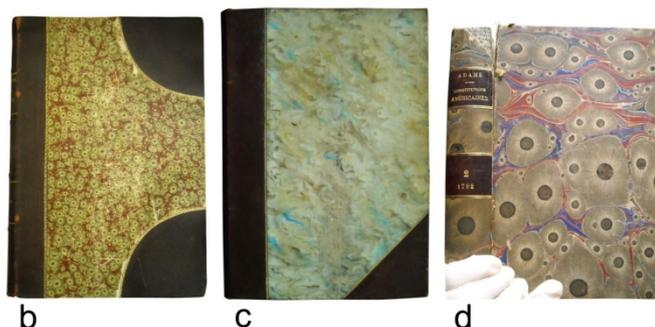
É certo que do contato com uma coleção tão numerosa quanto esta, surgiriam alguns exemplares curiosos. Estas curiosidades podiam ser estilos de encadernação diferenciados, bonitas brochuras com capas ilustradas e até exemplos do cuidado do dono da coleção, com seu próprio acervo.

Capas para conservação



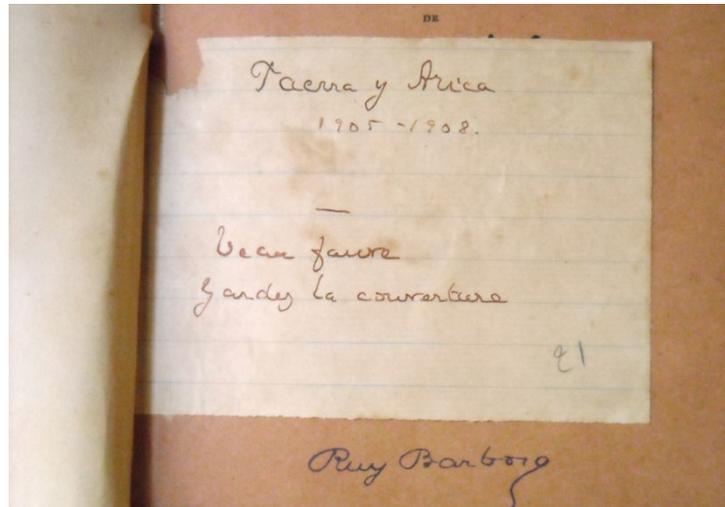
Exemplares encontrados com as capas de conservação – (a) uma solução caseira (em tecido) e outra industrializada (em papel); (b) visão das lombadas.

Encadernações curiosas



Encadernações artesanais curiosas – (b) da Oficina de Encadernação do Instituto dos Surdos Mudos (D5 5 18), a bela encadernação com cortes semicirculares; (c) impresso pela Imprensa Militar do Estado Maior do Exército, (E16 2 32); (d) edição estrangeira com capa em papel marmorizado, sem data (D9 1 2).

Papagaio



'Papagaio', bilhete escrito por Rui Barbosa, encontrado dentro de um volume encadernado por F. Briguiet, seu favorito, indicando como queria a encadernação 'veau fauve, gardez la couverture' (E6 4 20).

Conclusão

Um dos desafios deste estudo foi tentar identificar se existiam diferenças nas estruturas, estilos e materiais utilizados entre as encadernações produzidas no Brasil e as produzidas no exterior. Certamente foram identificadas algumas diferenças, sobretudo nos materiais. Apesar de haver à venda em alguns estabelecimentos, materiais importados como couros, papéis marmorizados, tipos e florões para douração, observamos que algumas encadernações executadas com material de aparência inferior, estavam em estágio mais avançado de deterioração. Não só o material utilizado pode ser responsabilizado pelo estado de conservação de um livro: o manuseio, a guarda e o modo de construção desta encadernação, também devem ser levados em consideração quando da análise dos danos.

As diferenças de tipo de costura encontradas, não nos servem de base para afirmarmos haver um modo de costura totalmente nosso, brasileiro: seguíamos ensinamentos de franceses, suíços, alemães e portugueses, que aqui se instalaram. De uma maneira geral, as costuras são alternadas entre os cadernos, mas sem uma seqüência rígida, devendo estar claro que para uma determinação do estilo de costura de cada encadernador ou oficina

de encadernação, seria necessária a análise de laboratório em muitos outros volumes da mesma procedência, o que pelo tempo e proposta da pesquisa, não foi possível.

Finalmente, para que todas as facetas da encadernação no Brasil possam ser conhecidas, muitos outros estudos devem ser feitos, outras pesquisas que focalizem estabelecimentos esquecidos, pontos obscuros e práticas antigas.

Agradeço à Fundação Casa de Rui Barbosa pela oportunidade de realizar este estudo, a Edmar Moraes Gonçalves por seu apoio e contribuição e a todas as pessoas que participaram direta e indiretamente deste estudo: ao pessoal do Museu, da Sala de Consulta, e outros funcionários igualmente importantes neste percurso.

Estudo de Preservação do Acervo Cornélio Penna

Bolsista: Luane de Jesus Mendonça Aires

Orientador: Edmar Moraes Gonçalves

A pesquisa em questão compreende a identificação das características originais de três *assemblages* desenvolvidas em caixas de madeira, emolduradas, que reúnem objetos de natureza distinta (folhas, insetos, crustáceos, pedras, material sintético, etc.); higienização e diagnóstico sobre o estado de conservação das peças; elaborar uma proposta de tratamento para o acervo e definir as linhas de trabalho, tendo em vista os diferentes materiais e os níveis de degradação avaliados. As *assemblages* pertencem ao acervo do artista plástico e escritor Cornélio Penna, onde uma é de sua autoria¹, e fazem parte do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, assim como grande parte das obras do artista.

Cornélio Penna (Petrópolis, 20 de fevereiro de 1896 – Petrópolis, 12 de fevereiro de 1958) foi pintor, gravador, desenhista, escritor, tendo também trabalhado como ilustrador e jornalista, de forma independente e em jornais. Participou da Segunda Fase do Modernismo no Brasil. Em 1920 iniciou a sua carreira artística na cidade do Rio de Janeiro, onde no mesmo ano realizou sua primeira exposição. Na década de 1930 abandonou as artes plásticas em favor da literatura.

Escreveu quatro romances, *Fronteira* (1935), *Dois romances de Nico Horta* (1939), *Repouso* (1948) e *A Menina Morta* (1954). *A Menina Morta* é considerado um dos melhores romances já escritos no Brasil. Suas histórias são caracterizadas pelos capítulos curtos e pela criação de uma atmosfera de estranheza.

¹ VASCONCELOS, Eliane. *Preservação da Memória Literária*. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, Patrimônio e Memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Ed. Universidade do Estado de São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1999, p. 44.

As obras em estudo tratam-se de três *assemblages*, compostas por objetos de natureza bastante diversificadas, tais como insetos, pedras, crustáceos, aves, conchas, escamas de peixes, objetos em material sintético, entre outros. O estado de conservação das caixas e objetos contidos nelas também são consideravelmente distintos.

A preservação de peças museológicas e obras de arte do acervo Cornélio Penna têm grande importância por inicia-se uma linha de estudo sobre as relações entre as artes plásticas e literárias do acervo. No caso das obras em questão verifica-se o quanto elas fizeram parte do imaginário do artista, fazendo parte do seu processo criativo literário.

Somente uma das obras é de autoria do próprio artista. Ela tem formato oval e é do ano de 1950. Durante a pesquisa foi verificada que a autoria de uma das outras obras é de Zeferina Marcondes Carneiro Leão, a Baronesa do Paraná e tia de Cornélio Penna. Não foi possível determinar exatamente a data em que a caixa foi confeccionada, mas pode-se estimar que é anterior a 1935, tendo em vista que Cornélio Penna descreve a obra em questão em seu livro *A Fronteira* que foi lançado este ano. Nele um de seus personagens, Maria Santa, observava a obra.

Fitava uma grande caixa oblonga, com tampa de vidro, emoldurada em cabiúna e peroba, num desenho forte e simples que formava um quadro pesado e faustoso mau gosto.

Através dos vidros viam-se bichos e reflexos fulvos, uns, outros rubros como brasas, com carapaças cinzeladas em detalhes infinitamente pacientes. Outro ainda, verdes e trabalhados como jóias antigas, pareciam dormir ali dentro, tal a gentil e ingênua naturalidade com a qual tinham sido dispostos.

Enquanto Maria falava, eu observava os animaizinhos mortos, postos em simetria sem a menor preocupação de arte, e, acompanhando-os com os olhos, revivi toda a angústia daquela mão distraída, que pregava aqui e ali, com ao acaso, os “carneirinhos” dourados e crespos, o beija-flor de cabeça de fogo, outro cor de bronze, e, mais alto, entre caramujos e borboletas fanadas, todos em cores vivas, o corupião, o pássaro familiar, o doméstico das antigas Donas, que aprendia a sua maneira de assobiar e as imitava com carinho.

(*A Fronteira* de Cornélio Penna, cap. XXIX, p. 53)

A terceira obra foi confeccionada pelas escravas da fazenda Lordelo, propriedade da Baronesa do Paraná, e em sua homenagem.

Devido à natureza diversa dos materiais em questão, estes foram separados em grupos de pesquisa. Foi verificada a escassez bibliográfica de alguns destes materiais dentro do campo da conservação e restauração como objetos de arte. Portanto foi feito um levantamento em suas áreas específicas de pesquisa (entomologia, taxidermia, mineralogia, etc.), com intuito de verificar quais os procedimentos seriam adequados para preservação, higienização e restauração sem causar danos às características naturais dos objetos. Contamos com a colaboração de alguns entomologistas do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O procedimento seguinte foi selecionar quais dos métodos atendiam aos princípios básicos da conservação e restauro de obras de arte, como não causar interferências as características originais da obra e usar produtos reversíveis.

Foi constatado que a maior parte do processo de higienização poderia ser realizado mecanicamente, com pincéis de cerdas de seda, *swob*, ou com água deionizada, detergente neutro, e em casos específicos, com xilol. Foram muitos os materiais encontrados para higienização dos objetos, no entanto esses foram os escolhidos por diversos motivos, como por estarem mais próximos ao universo da conservação, por atenderem as características e necessidades da obra, e reagirem bem aos devidos testes. Para unir partes soltas dos insetos está sendo usado adesivo a base de água, com exceção dos insetos com pelos ou escamas, como as lepidópteras, no qual usa-se adesivo orgânico.

O principal produto usado para preservação principalmente dos insetos, que são os elementos mais frágeis das obras é a naftalina em pó ou escamas. Outros produtos também foram encontrados como possibilidade, no entanto o mais adequado a realidade da pesquisa foi a naftalina.

A primeira das obras, de autoria do Cornélio Penna, já teve seu processo de higienização e tratamento completo. A *assemblage* realizada pela Baronesa do Paraná é a que atualmente está sendo trabalhada. Por ser uma peça de tamanho significativo, e com uma grande quantidade de materiais dentro, só o número de coleópteras supera sessenta, ela demanda de bastante tempo. Sua moldura também sofreu o ataque de térmitas e também está sendo

tratada. A caixa confeccionada pelas escravas da Fazenda Lordelo não teve seu processo de tratamento iniciado, somente a pesquisa dos materiais a serem usados já foi verificada, porém os devidos testes ainda serão realizados.



Assemblage de autoria do Cornélio Penna: Antes e após o tratamento



Assemblage de autoria da Baronesa do Paraná: Durante o tratamento.



Obra realizada pelas escravas da fazenda Lordelo.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, L. M.; RIBEIRO-COSTA, C.S.; MARINONI, L. *Manual de Coleta, Conservação, Montagem e identificação de insetos*. Ribeirão Preto: Ed. Holos, 1998.
- BAPTISTA, Antonio Carlos N. Baptista; Mendes, Marylka. *Restauração: Ciência e Arte*. Rio de Janeiro/ RJ: UFRJ/ IPHAN, 1996.
- BRAGA, Marcia. *Conservação e Restauo: Madeira, pintura sobre madeira, douramento, estuque, cerâmica, azulejo e mosaico*. Rio de Janeiro/ RJ: RIO, 2003.
- BRAGA, Marcia. *Conservação e Restauo: Pedras*. Rio de Janeiro/ RJ: RIO, 2003.
- BRANDI, Cesare. *Teoria do Restauo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- CORREIA, Maria Rosa. *Oficina de estudos da Preservação - Coletânea I*. Iphan, Rio de Janeiro. 2008.
- D'ALAMBERT, Clara Correia. *Conservação: Postura e Procedimentos*. São Paulo – SP: DEMA, 1998.
- GALLO, D. *Entomologia Agrícola*. Piracicaba, Fealq, 2002.
- LORUSSO, Salvatore. *Conservazione e trattamento dei materiali costituente i Beni culturali*. Bologna- Italia: Pitagora Editrici, 2001.
- MENDES. Marylka. *Conservação: Conceito e Prática*. Rio de Janeiro-RJ: Editora UFRJ, 2001.
- MENDES. Marylka; BAPTISTA, Antonio Carlos N. *Restauração Ciência e Arte*. Rio de Janeiro-RJ: UFRJ/ IPHAN, 1996.
- MENDES. Marylka; BURGI, Sérgio. *Materiais empregados na Conservação de Bens Culturais*.
- B.; PASCUAL I MIRÓ, Eva. *O restauracion de madera*. Lisboa-Portugal: Ed. Estampa, 1999.
- OURIQUES, Evandro Vieira; LINNEMANN, Anna; LANARI e Roberto *Manuseio e embalagem de obras de arte- Manual*. Instituto Nacional de Artes Plásticas.

PENNA, Cornélio. *Romances Completos*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958.

TELLECHEA, Domingo I. *Enciclopedia de La Conservacion y Restauracion*. Editorial Technotransfer. 1981.

VASCONCELOS, Eliane. *Preservação da Memória Literária*. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, Patrimônio e Memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Ed. Universidade do Estado de São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1999, p. 41-48. (Seminários & Debates).

Biblioteca digital

Bolsista: Maria Madalena Schmid Martins

Orientador: Ana Ligia Medeiros

O projeto de pesquisa visa analisar as bibliotecas digitais existentes, sua constituição, o desenvolvimento de suas coleções, sua preservação e divulgação. A partir disso, pretende-se analisar o acervo digital existente na FCRB; criar a Biblioteca Digital da instituição e divulgá-la, assim como à pesquisa que lhe deu origem. Estudar a constituição das bibliotecas digitais.

Campo de estudo aplicado: Acervo da FCRB

Objetivos

- Estudar a constituição das bibliotecas digitais;
- analisar o acervo digital já existente;
- criar a Biblioteca Digital;
- implantar o Repositório Digital;
- divulgar a pesquisa.

Situação do acervo digital

A FCRB vem ao longo de anos acumulando documentos digitais nos diversos setores da instituição em diversos formatos e softwares variados:

- Documentos textuais digitalizados
- Documentos textuais nascidos digitais
- Documentos iconográficos digitais
- Registros fotográficos de museografia
- Registros em som e imagem das atividades da FCRB

Estão atualmente divulgados no Portal:

Rui Barbosa Digital (subsite RuiBarbosaOnline) – visa agrupar em um único site o material digital de e sobre Rui Barbosa. É composto por:

- OCRB digital (obras completas, índice e seleta)
- Biblioteca RBdigital (acervo da biblioteca de Rui Barbosa, seleta de capas e seleta de recortes)
- Bibliografia RBdigital (Textos sobre Rui Barbosa no acervo da Biblioteca São Clemente/FCRB)
- Arquivo (correspondência e Atas de Haia)
- Acervo Iconográfico
- Visita virtual aos Jardins
- Visita virtual ao Museu.

Exposições:

- O prazer do percurso
- Naturalismo
- Augusto de Campos

Outros subsites:

- Arquivos pessoais de escritores brasileiros
- Arquivo Pedro Nava
- Cordel (inclui acervo digital, utiliza o software DocReader)
- Glaziou
- Machado de Assis (<http://machadodeassis.net/>)
- O Malho

Novo projeto VISA

O acesso livre aos acervos e a produção intelectual da FCRB pelo cidadão;
a ampliação do alcance das pesquisas produzidas pela Casa, nacional e internacionalmente;
a ampliação das possibilidades de uso no ensino nas escolas primárias e secundárias;
a utilização de softwares livres, de acordo com as recomendações do Governo;
a adoção de uma política de preservação dos documentos digitais.

Repositórios digitais: conceito

Um repositório digital é aquele onde conteúdos digitais e recursos estão armazenados e podem ser pesquisados e recuperados para uso posterior. Um repositório suporta

mecanismos de importação, exportação, identificação, armazenamento e recuperação de recursos digitais.

Digital Repositories JISC Briefing Paper, 2005

Surge, em 2003, tendo como finalidade o armazenamento, preservação e acesso a produção intelectual das comunidades científicas, ampliando-se mais tarde para outros tipos de instituições tais como bibliotecas jurídicas, bancos de objetos educacionais ou acervos.

Exemplos de plataformas existentes: DSpace, Eprints e Fedora.

Objetivo

- Integrar,
- abrigar,
- gerir,
- preservar
- disponibilizar os conteúdos digitais

Conteúdos digitais:

Natureza:

- digitalizados a partir de suportes tradicionais
- nascidos digitais

Origem:

- produzidos pelas unidades de pesquisa
- oriundos das unidades gestoras de acervo.

Repositórios digitais: características

Aspectos e características que o diferenciam de base de dados, de sistemas de gestão de conteúdos e de outros que armazenam conteúdos digitais:

- Os conteúdos são depositados num repositório, quer pelo autor, proprietário ou por terceiro;
- a arquitetura do repositório gera tanto conteúdo como metadados;

- o repositório oferece um conjunto de serviços básicos mínimos, como colocar, encontrar, pesquisar, controlar acesso...

(Heery & Anderson, 2005, p. 1-2)

Repositórios digitais: vantagens

- Funciona 24 horas por dia;
- Permite o acesso à distância;
- Possibilita o acesso simultâneo de vários usuários;
- Possibilita o acesso a diversos formatos de documentos;
- Facilita o acesso a pessoas com deficiência;
- Preserva os documentos físicos e digitais;
- Promove uma verdadeira democratização da informação.

Dspace - Repositórios Digitais

O sistema DSpace foi desenvolvido para possibilitar a criação de repositórios digitais com funções de captura, distribuição e preservação da produção intelectual, permitindo sua adoção por outras instituições em forma consorciada federada. Os repositórios DSpace permitem o gerenciamento da produção científica em qualquer tipo de material digital, dando-lhe maior visibilidade e garantindo a sua acessibilidade ao longo do tempo.

Os repositórios digitais podem ser considerados uma inovação no gerenciamento da informação digital. As editoras, bibliotecas, arquivos e centros de informação em vários países estão criando grandes repositórios de informação digital, contendo diferentes tipos de conteúdos e formatos de arquivos digitais.

O DSpace Institutional Digital Repository System (projeto colaborativo da MIT Libraries e a Hewlett-Packard Company) é um dentre vários projetos, atualmente em operação, orientados à criação de repositórios institucionais e à preservação digital.

O DSpace é um software livre que, ao ser adotado pelas organizações, transfere a estas a responsabilidade e os custos com as atividades de arquivamento e publicação da sua produção institucional.

O DSpace possui uma natureza operacional específica de preservar os objetos digitais que é de interesse da comunidade científica.”

(http://dspace.ibict.br/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1). Acessado em 09/07/2011

Curadoria digital

Curadoria digital responde pela guarda de objetos digitais e pela promoção de novas formas de divulgação, incluindo pesquisas e exposições relacionadas aos objetos digitais.

O termo foi criado pelo Digital Curation Centre - DCC (<http://www.dcc.ac.uk/>). Segundo o portal do DCC, a Curadoria Digital compreende as seguintes atividades:

- Conceitualização
- Criação
- Acesso e uso
- Avaliação e seleção
- Descarte
- Preservação
- Reavaliação
- Armazenamento
- Transformação

Focos: políticas de definição

Política de definição:

- É necessário a criação de uma Comissão de Definição e Seleção, (Conselho Curador do Repositório Digital) composta por representantes das áreas finalísticas e setor de informática.

Definição de critérios:

- Raridade
- preservação dos originais;
- obras relevantes para a área de atuação da FCRB;
- produção intelectual da instituição:

- obras livres de direitos autorais;
- obras com demanda de uso.

Focos: direitos autorais

Ponto de máxima importância, pois a lei atual impossibilita a ampla divulgação de objetos digitais.

Formatos e padrões

Devem ser estabelecidas normas e procedimentos tanto para a preservação quanto de acesso, por exemplo:

- formatos de arquivo: ASCII, UNICODE, RTF, PDF, etc.
- imagens: TIF, GIF, JPEG etc.
- formatos estruturados: HTML e XML, e para áudio e vídeo: Real Media, MP3, AVI e MPEG.
- descrição e identificação de metadados: Dublin Core, MARC, EAD, METS, MODS e MADS etc.
- identificadores persistentes: URI, URN, DOI, PURL, HANDLE
- Interoperabilidade: OAI/Open Archives, Z39.50, WEB Services
- política de back-up: estabelecimento de processo de guarda e transferência de tecnologias.
- preservação Digital: OAIS, METS, XML
- política de back-up: estabelecimento de processos de guarda e transferência de tecnologias.

Focos: rede

É fundamental o fortalecimento dos serviços de Tecnologia da Informação da FCRB para possibilitar o apoio necessário ao desenvolvimento do Repositório Digital com infraestrutura que garanta a efetiva capacidade de distribuição de conteúdos digitais da FCRB.

Focos: gestão

Recomenda-se a independência do serviço, já que atende a todos os setores depositários de acervo ou produtores de textos, vídeos ou outros e exige agilidade na dinâmica de seu funcionamento

Focos: acessibilidade

É fundamental adotar uma política de acessibilidade para pessoas portadoras de algum tipo de deficiência

Focos: capacitação e uso

É importante a conscientização e a capacitação dos setores envolvidos tanto para a inclusão de novos conteúdos como para o melhor aproveitamento dos já existentes.

É, também, fundamental a divulgação deste trabalho em seminários, palestras, artigos de revistas e assemelhados.

Focos: busca e acesso

A busca e o acesso devem ser realizado de forma direta e simples já que será atendido tanto a academia quanto o público leigo.

Esta ampliação de acesso possibilitará novos usos para o acervo da FCRB, em especial para as atividades pedagógicas.

Resultados e os impactos esperados

Criar a Biblioteca Digital da FCRB e divulgá-la, de modo que se amplie o acesso ao acervo digital da FCRB.

Implantar o Repositório da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Repositórios Digitais Nacional

Repositórios digitais que utilizam o software DSpace no Brasil.

Ação Educativa

Acervo Antonio Carlos Jobim

Acervo Caymmi
Acervo Digital da Unesp
Acervo Digital do INMETRO
Acervo Lúcio Costa
ARCA – FIOCRUZ
Banco Internacional de Objetos educacionais
BDJur - Biblioteca Digital Jurídica do Supremo Tribunal de Justiça
BDM - UnB
Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados
Biblioteca Digital do Comitê do Itajaí
Biblioteca Digital do Senado Federal
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFPR
Biblioteca Digital da UFMG
Biblioteca Digital UNIVATES
Biblioteca Virtual sobre Corrupção
Brasileira - USP
INFOTECA - EMBRAPA
Lume - Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Museu Imperial de Petrópolis - IBRAM Projeto DAMI
Repositório Institucional do Museu Paraense Emílio Goeldi
Repositório Digital da UNATI
Repositório Eletrônico Ciências Agrárias
Repositório Institucional na UCB
Repositório da Universidade de Brasília
Repositório da Universidade Federal da Paraíba
Repositório da Universidade Federal do Paraná
Sistemas de Bibliotecas da Fundação Getúlio Vargas
Universidade Metodista
Repositório da Universidade Federal Fluminense
Repositório da Universidade Federal da Bahia
Repositório do Instituto Nacional de Tecnologia (INT)
Repositório da Universidade Federal de Grande Dourados
Repositório da Universidade Federal de Goiás

Repositório da Universidade Federal de Alagoas

Repositórios internacionais

Site Oficial da Biblioteca Digital mundial
The European Library (A Biblioteca Européia)
Biblioteca do Congresso
Bibliothèque Nationale de France
Biblioteca Nazionale Centrale di Roma
Biblioteca Pública de Nova Iorque
Biblioteca da Universidade do Texas A&M. University. - <http://di.tamu.edu/>
Biblioteca Virtual de Macau
Project Gutenberg - Versão Portuguesa
Royal Library Belgium
Digital library - The British Library
German library: German subject catalogue
The Princess Grade Irish Library of Monaco
Virtual Library - [www virtual library](http://www.virtuallibrary.org/)
Cervantes Virtual

Levantamento bibliográfico

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto, *repositório institucional em comunicação: o projeto Reposcom implementado junto à Federação de Bibliotecas Digitais em Ciências da Comunicação*.

Informações Software Dspace disponível em: <<http://www.dspace.org>>. Acessado em julho de 2011.

LEADIRS Workbook, By Mary R. Barton, MIT Libraries, [mbarton \[at\] mit.edu](mailto:mbarton@mit.edu) and Margaret M. Waters, consultant, [mwaters \[at\] aya.yale.edu](mailto:mwaters@aya.yale.edu) with sponsorship from The Cambridge-MIT Institute (CMI), Creating an Institutional Repository.

Marcondes, Carlos Henrique; Campos, Maria Luiza de Almeida. *Ontologia e Websemântica: O espaço da pesquisa em Ciência da Informação*. Disponível em: <www.pontodeacesso.ici.ufba.br>. Acesso em julho, 2011.

MARTINHAGO, Adriana Zanella. (adriana@inf.ufpr.br), *O Software Dspace*, Universidade Federal do Paraná. Apresentação. Endereço Biblioteca Teses & Dissertações UFPR. Disponível em <<http://dspace.c3sl.ufpr.br>>.

MARTINS, Ana Bela, Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares; Rodrigues Eloy, Director dos Serviços de Documentação, da Universidade do Minho; Barreto, Manuela Nunes, Directora da Biblioteca da Universidade do Minho. *Repositórios de informação e ambientes de aprendizagem: Criação de espaços virtuais para a promoção da literacia e da responsabilidade social*. Acessado em 2011.

SAYÃO, Luis Fernando. *Afinal, o que é Biblioteca Digital*. REVISTA USP, São Paulo, n. 80, p. 6-17, dezembro/fevereiro 2008-2009.

_____. “Preservação Digital no Contexto das Bibliotecas Digitais”. In: Carlos Henrique Marcondes; Hélio Kuramoto; Lidia Brandão Toutain; Luis Fernando Sayão (orgs.). *Bibliotecas digitais: saberes e práticas*. Salvador/Brasília: UFBA/IBICT, 2005, p. 115-49.

_____. “Bibliotecas Digitais e Suas Utopias”. In: *Ponto de Acesso*, vol. 2, n. 2, 2008. Disponível em <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/2661>>. Acessado em junho/nov./2011.

_____. *A ameaça da amnésia digital*. In: GRANATO, Marcus (org.) MAST Colloquia. Rio de Janeiro: MAST, 2007, p.181-204.

Superior Tribunal de Justiça. Secretaria de Documentação. Coordenadoria da Biblioteca Digital. Treinamento – Consórcio DJUR, 2007. Disponível em: <<http://bdjur.stj.gov.br>>. Acessado em fevereiro 2011.

Plano de Conservação Preventiva do Museu Casa de Rui Barbosa: Documentação para Preservação

Bolsistas: Patrícia C. Cordeiro

Orientadora: Cláudia S. Rodrigues de Carvalho

Resumo: O artigo apresenta a metodologia utilizada para estabelecer um processo de documentação para preservação do edifício do Museu Casa de Rui Barbosa, que possibilite o monitoramento, a manutenção e compreensão necessária para tomada de decisões de preservação, evitando principalmente repetição de erros passados. Este trabalho se insere num projeto de pesquisa intitulado Documentação para Preservação do Museu Casa de Rui Barbosa, que visa o estabelecimento de um sistema de informações apropriadas e atualizadas relativo à história, ao valor de patrimônio, à materialidade, às intervenções passadas e às condições atuais do bem cultural.

A documentação no campo do patrimônio deve ser encarada também como uma ação de preservação, sendo ferramenta imprescindível para o conhecimento, identificação, interpretação e salvaguarda da herança cultural. O tratamento das informações contidas no bem cultural e o resguardo destas para o futuro pode salvar um bem do desaparecimento.

A importância da documentação como processo de salvaguarda da herança cultural vem sendo pontuada nas convenções internacionais, e nos textos e artigos do campo da preservação, existindo diversas cartas internacionais que trazem definições sobre esta questão, como é o caso da Carta de Atenas de 1931, que já recomendava a documentação dos monumentos Históricos Nacionais utilizando o instrumento do inventário; da Carta de Veneza de 1964, que aponta para a documentação como um processo analítico e crítico e para a necessidade da publicização deste conhecimento. A Declaração de Sofia, documento resultante da 11ª Assembléia Geral do ICOMOS, realizada em Sofia, Bulgária, em Outubro de 1996, destaca como necessária à questão da documentação e aprofunda a questão no documento "Principles for the Recording of Monuments, Groups of Buildings and Sites".

A documentação do Museu Casa de Rui Barbosa é constituída por informações reunidas através do tempo pelas mais variadas formas de coleta e pesquisa. Os principais

repositórios desta documentação são o arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa e o Arquivo Central do IPHAN. Esta documentação trás informações relativas à configuração física da edificação, estado de conservação e uso do monumento, intervenções realizadas, que embora conformem uma base de conhecimento, requerem estruturação e criação de acesso sistemático para que possam efetivamente integrar o processo de conservação do bem cultural.

Neste sentido, destaca-se entre os objetivos da pesquisa ora em andamento, a integração dos processos de documentação e conservação do patrimônio cultural, através da identificação de métodos e instrumentos apropriados às necessidades de preservação.

A pesquisa esta sendo desenvolvida pela arquiteta Claudia S. Rodrigues de Carvalho, e integra o grupo desta pesquisa a arquiteta Patrícia Cordeiro na qualidade de bolsista do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura dentro da linha de pesquisa *Estratégias de conservação preventiva para edifícios históricos que abrigam coleções*, do grupo de pesquisa da FCRB/CNPQ: Museu-Casa de Rui Barbosa: memória, espaço e representações.

Neste artigo apresentamos o processo metodológico para o estabelecimento de um sistema integrado de informação sobre o bem cultural, dentro da perspectiva do acesso em duas frentes, a primeira para o público especializado e que servirá de instrumento de trabalho para o Núcleo de Preservação Arquitetônica do Centro de Memória e Informação da Fundação Casa de Rui Barbosa. A segunda será um site na internet com a caracterização do objeto de estudo, a sistematização das informações pesquisadas, e as ações já realizadas no Museu Casa de Rui Barbosa.

Palavras-chave: Documentação para preservação. Sistema de informação. Museu Casa de Rui Barbosa

A documentação no campo do patrimônio deve ser encarada como uma ação de preservação, sendo ferramenta imprescindível para o conhecimento, identificação, interpretação e salvaguarda da herança cultural.

Desde 2005, vimos realizando pesquisas aplicadas para dar suporte ao Plano para Conservação Preventiva do Museu Casa de Rui Barbosa, dentro da linha de pesquisa *Estratégias de conservação preventiva para edifícios históricos que abrigam coleções*, do grupo de pesquisa da FCRB/CNPQ: Museu-Casa de Rui Barbosa: memória, espaço e representações. A linha de pesquisa tem por objeto a busca de soluções sustentáveis para preservação integrada do edifício-histórico e da coleção, está focada no perfil museu-casa e abrange a identificação do patrimônio tutelado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, na sua historicidade, composição e materialidade; a avaliação dos riscos para sua preservação; o desenvolvimento de métodos para prevenção e tratamento e a criação de instrumentos didáticos para difusão da conservação preventiva no Brasil.

A pesquisa, Plano de Conservação Preventiva do Museu Casa de Rui Barbosa: Documentação para preservação está inserida neste conjunto de trabalhos que visam sistematizar as ações de preservação do monumento, e se justifica pela necessidade de se ampliar o conhecimento sobre o bem para subsidiar as ações de conservação e restauração.



Figura 01: Fotografia da Fachada do Museu Casa de Rui Barbosa
Fonte: autor desconhecido, arquivo da FCRB, sem data

O enfoque da pesquisa é o desenvolvimento de processo contínuo de documentação sobre o conjunto edifício-acervo do Museu Casa de Rui Barbosa que se constitua num instrumento de monitoramento e controle da qualidade para sua preservação, gerenciamento e uso. Trata-se do estabelecimento de um sistema de informações apropriadas e atualizadas relativo à história, ao valor de patrimônio, à materialidade, às intervenções passadas e às condições atuais do bem cultural.

A pesquisa tem como objetivo a integração dos processos de documentação e conservação do patrimônio cultural, através da identificação de métodos e instrumentos apropriados às necessidades de preservação integrada e tem como objetivos específicos:

- Definir estratégia de documentação a partir da seleção de dados a serem levantados sobre o edifício e as coleções que abriga,
- Estabelecer processo tecnológico adequado para conectar as informações levantadas,
- Desenvolver um processo contínuo de documentação sobre o Museu Casa de Rui Barbosa,
- Gerenciar as informações tornando-as acessíveis aos usuários no presente e no futuro, propiciando variadas formas de investigação sobre o assunto,
- Integrar o processo de documentação na preservação do Monumento, fornecendo elementos para subsidiar intervenções e controlar transformações

A documentação não deve restringir-se a uma simples guarda de documentos, mas a utilização e interpretação desta documentação para a produção de conhecimento científico sobre as experiências e ações realizadas no campo da conservação e da preservação. A importância da documentação como processo de salvaguarda da herança cultural vem sendo pontuada nas convenções internacionais e nos textos e artigos do campo da preservação. Diversas cartas internacionais trazem definições sobre esta questão, a Carta de Atenas de 1931¹, já recomenda a documentação dos monumentos Históricos Nacionais utilizando o instrumento do inventário;

¹ De acordo com a carta de Atenas em:

VII

A Carta de Veneza de 1964 aponta para a documentação como um processo analítico e crítico e para a necessidade da publicização deste conhecimento.

Os trabalhos de conservação, de restauração [...] serão sempre acompanhados de uma documentação precisa sob a forma de relatórios analíticos e críticos, ilustrados com desenhos e fotografias.

Todas as fases dos trabalhos de recuperação, de consolidação, de recomposição e de integração, assim como os elementos técnicos e formais identificados no decurso dos trabalhos, deverão ser consignados nos mesmos relatórios. Essa documentação deverá ser depositada em arquivo de órgão da administração pública e posta à disposição dos pesquisadores; sua publicação é aconselhável

A Declaração de Sofia, documento resultante da 11ª Assembléia Geral do ICOMOS, realizada em Sofia, Bulgária, em Outubro de 1996, destaca como necessária a questão da documentação² e aprofunda a questão no documento “Principles for the Recording of Monuments, Groups of Buildings and Sites” que define:

[...] As the cultural heritage is a unique expression of human achievement; and as this cultural heritage is continuously at risk; and as recording is one of the principal ways available to give meaning, understanding, definition and recognition of the values of the cultural heritage; and as the responsibility for conserving and maintaining the cultural heritage rests not only with the owners but also with conservation specialists and the professionals, managers, politicians and administrators working at all levels of government,

“c) Utilidade de uma documentação internacional

A conferência emite voto de que:

1º - Cada Estado, ou as Instituições criadas ou reconhecidamente competentes para este trabalho, publique um inventário dos Monumentos Históricos Nacionais, acompanhado de fotografia e informações;”

² “[...] Para que esta fruição seja válida, serão necessários sempre estudos analíticos e inventários completos com o objetivo de explicitar os diversos significados do patrimônio no mundo contemporâneo [...]”

and with the public; and as article 16 of the Charter of Venice requires, it is essential that responsible organizations and individuals record the nature of the cultural heritage.[...]³

O mesmo documento nos dá duas importantes definições utilizadas nesta discussão:

1. **Documentação:** é a captura de informações que descreve a condição física de configuração e utilização de monumentos, grupos de edifícios e terrenos, em pontos no tempo, e é uma parte essencial do processo de conservação.
2. A documentação de monumentos, grupos de edifícios e sítios pode incluir provas tangíveis, bem como intangíveis e pode contribuir para a compreensão do patrimônio e dos seus valores relacionados.

Outra referencia importante, do ponto de vista teórico-metodológico, utilizada na pesquisa é o projeto Recording, Documentation and Information Management: Guiding Principles, de 2002, desenvolvido a partir de um workshop promovido pelo Getty Conservation Institute (GCI) – em parceria com ICOMOS e CIPA, com o intuito de fortalecer o componente *documentação* nos processos de conservação. Durante o trabalho, o grupo, formalizado através do título Recording, Documentation and Information Management (RecorDIM) Initiative, identificou uma série de questões relacionadas ao tema que culminaram na posterior publicação deste livro, realizada por Robin Lettelier, do GCI.

³ “Como o património cultural é uma expressão única de realização humana, e como essa herança cultural está continuamente em risco, e como a documentação é uma das principais maneiras disponíveis para dar sentido, a compreensão, definição e reconhecimento dos valores do património cultural; e como a responsabilidade pela conservação e manutenção do património cultural não está apenas com os proprietários, mas também com especialistas em conservação e os profissionais, gestores, políticos e administradores que trabalham em todos os níveis de governo, e com o público, e como o artigo 16 da Carta das Veneza exige, é essencial que as organizações e indivíduos responsáveis documentem a natureza do património cultural.”

Uma das bases utilizadas na discussão foi a declaração de Sofia (ICOMOS, 1996). Através de uma análise crítica deste documento, a publicação reforça as necessidades de disponibilizar, pública e institucionalmente, as informações relacionadas ao patrimônio, além de aprofundar a definição de diretrizes e princípios para a organização de uma estrutura sistemática para a documentação; determinando critérios relevantes (objetivos) para a determinação do escopo, níveis e métodos a serem utilizados.

Dentro deste objetivo, uma das maiores lacunas identificadas no processo de documentação é o acesso – a falta de comunicação entre os usuários e os provedores da informação. Para solucionar este problema a publicação propõe meios para afinar esta conexão, identificando estes dois atores como fundamentais e responsáveis pela produção e disseminação da informação. Sem estabelecer diretrizes estritas, a publicação recomenda a compatibilidade e intercâmbio das categorias de informação, por meio de padrões e guias que possam ser aplicados em qualquer projeto de conservação. Complementando esta publicação, o volume *Illustrated Examples*, fornece informações práticas para a realização de tipos específicos de projeto para o registro patrimonial.

No que diz respeito a formulações nacionais sobre este assunto podemos citar a discussão produzida no Primeiro Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, realizado em dezembro de 2009 em Ouro Preto, que aponta a documentação como uma recomendação para a formulação de uma política Nacional de preservação do Patrimônio Cultural, indicando que o tema esta sendo incorporado como um instrumento de preservação também no âmbito das políticas culturais brasileiras. O documento resultante deste fórum foi denominado Sistema Nacional do Patrimônio Cultural: Desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão.⁴

⁴ “a) Reforçar o papel estratégico da pesquisa, da documentação e da informação na preservação e gestão do patrimônio cultural com vistas ao desenvolvimento social, econômico e cultural.

b). Assegurar a articulação entre sociedade civil, pesquisadores e gestores do Patrimônio por meio da circulação de informações qualificadas sobre os valores, significados e responsabilidades referentes à identificação, proteção e gestão do patrimônio cultural.

A documentação envolve um processo cultural e interpretativo e depende de um suporte tecnológico, que vai transformar os dados e suas interpretações em instrumentos eficientes. O processo de documentação não pode ser considerado “standardizado”. Para cada bem cultural específico há uma forma específica de aquisição, arquivamento e gerenciamento de dados adequado ao objetivo da documentação.

Neste sentido, a metodologia proposta para o desenvolvimento da Pesquisa baseia-se nas etapas que compõem o processo de documentação de bens culturais, quais sejam o planejamento; a prática, o acesso e a disseminação. A estratégia de ação será a desenvolver um ferramental específico para o Museu Casa de Rui Barbosa.

A documentação do Museu Casa de Rui Barbosa é constituída por informações reunidas através do tempo pelas mais variadas formas de coleta e pesquisa. Os principais repositórios desta documentação são o arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa e o Arquivo Histórico do IPHAN.

-
- c) Estimular o reconhecimento da informação como um bem público.
 - d) Reforçar pesquisa, documentação e informação como atividades fim das práticas e das políticas de preservação, entendendo que patrimonializar é por si só uma prática cultural que se caracteriza pela atribuição de valor a bens e práticas culturais.
 - e) Estabelecer diretrizes e procedimentos a fim de que os cuidados e atenções para a circulação das informações estejam presentes desde a produção da documentação gerada pelos projetos de preservação do patrimônio cultural até sua destinação final (eliminação ou guarda permanente).”



Figura 02: Fotografia do cortejo fúnebre de Rui Barbosa
Fonte: autor desconhecido, arquivo FCRB, 1923

A etapa inicial da pesquisa incluiu, além de leituras de textos e informações relacionadas com os pressupostos temáticos da pesquisa, compilação e apresentação do panorama atual, a coleta e organização de dados relativos às ações de preservação do conjunto edificado nos arquivos da FCRB e do IPHAN. Esta documentação trás informações relativas à configuração física da edificação, estado de conservação e uso do monumento, intervenções sofridas, que embora conformem uma base de conhecimento, requerem estruturação e criação de acesso sistemático para que possam efetivamente integrar o processo de conservação do bem cultural.



Figura 03: Obras no jardim da Casa de Rui Barbosa
Fonte: autor desconhecido, arquivo FCRB, s/data

Foi realizado um levantamento geral de toda a documentação do Núcleo de Preservação Arquitetônica e uma categorização desta documentação por ano e por local onde foi realizada a intervenção. Nesta pesquisa foi identificada a documentação existente acerca das intervenções já realizadas no MCRB e no jardim.



Figura 04: Fotografia da restauração da fachada do Museu Casa de Rui Barbosa
Fonte: autor desconhecido, documentação NPARQ, década de 70

Foram realizadas também visitas ao Arquivo Central do IPHAN para investigação da documentação sobre o Museu Casa de Rui Barbosa existente na instituição, em especial, os arquivos relacionados às obras já executadas na casa durante o século XX. O objetivo desta pesquisa inicial foi avaliar o conteúdo das pastas existentes no arquivo, assim como tentar identificar registros documentais que pudessem auxiliar na pesquisa sobre as intervenções já realizadas no edifício do Museu. Os documentos, interessantes à pesquisa foram digitalizados e armazenados no Núcleo de Preservação Arquitetônica. Para facilitar a organização destes arquivos, os mesmo foram separados em pastas classificadas por décadas.

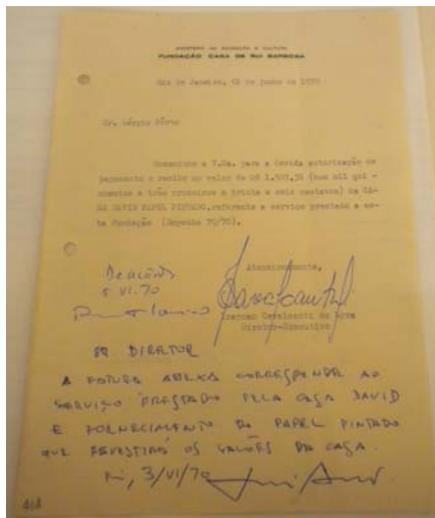


Figura 05: comunicação
Fonte: FCRB, IPHAN, 1970.

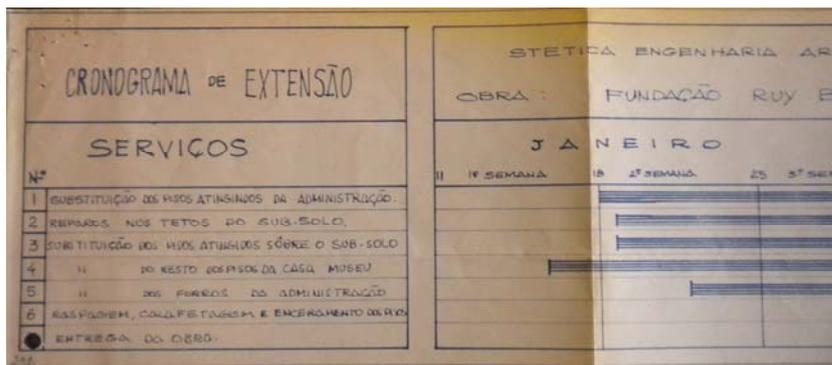


Figura 06: cronograma
Fonte: FCRB, IPHAN, 1969

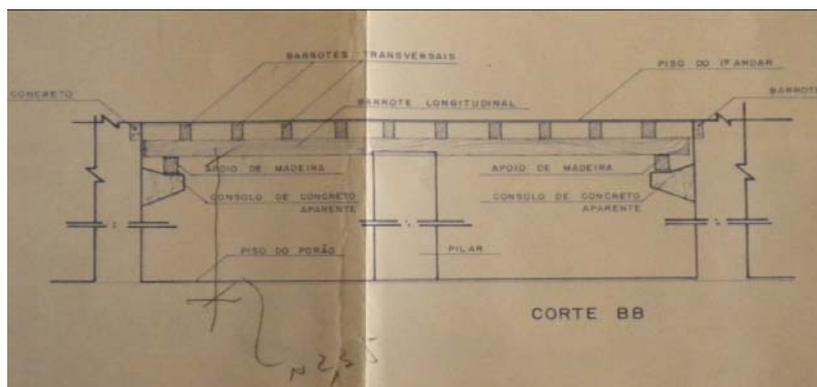


Figura 07: corte do Porão
Fonte: FCRB, IPHAN, 1983

Num segundo momento, essa documentação foi analisada e foram produzidas tabelas onde estas informações foram organizadas nos seguintes itens: documento, data, assunto, firma contratada, valor da obra e descrição dos serviços. Assim é possível um acesso mais direto às informações contidas nestes documentos.

Documento	Data	Assunto	Firma contratada	Valor da obra	Descrição dos serviços
Info n° 238	22.07.1969	Restauração dos pisos das salas Buenos Aires, Federação e pró-aliados.	Barnes sub-empregueira Ltda.	C\$ 21.405,00	- Revisão e conserto do barroteamento; - Fornecimento e colocação dos frisos do piso.
Cronograma de extensão	Jan/fev. 1969	Recuperação de pisos e forros	Estética Engenharia e Arquitetura Ind. e Com. S/A	x	- Reparo nos tetos do subsolo - Substituição dos antigos pisos sobre o subsolo; - Substituição do resto dos pisos da Casa-Museu; - Raspagem, calafetagem e enceramento dos pisos.
Termo de contrato 06/69 Processo n° 31/69	1969	Recuperação das paredes internas e rebaixamento do piso do porão	A. Justino da Silva	x	- Recuperação das paredes internas que tiverem estrutura de madeira; - Rebaixamento do piso do porão.

Tabela 1 - Caracterização do acervo do IPHAN

Outra metodologia testada para o processamento destas informações oriundas da documentação pesquisada foi a tentativa de uma representação onde se pudesse perceber graficamente as mudanças e intervenções sofridas. Este método foi aplicado sobre um conjunto de desenhos onde foi possível marcar, em planta, as modificações físicas (demolicões e construções) e as mudanças de nomenclatura dos ambientes da casa.

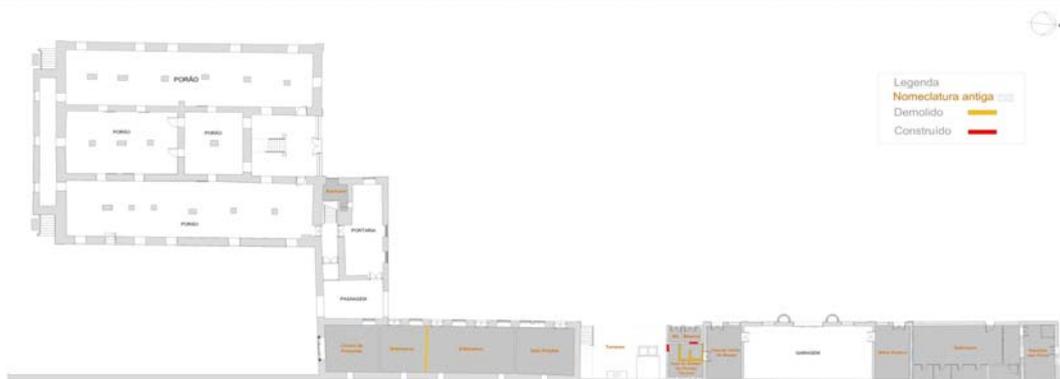


Figura 08: representação gráfica
Fonte: NPARQ FCRB, 2011

Estas informações foram compiladas em um Relatório Geral do Plano de Conservação Preventiva que apresenta o objeto de estudo, todas as informações já pesquisadas, e as ações já realizadas no Museu Casa de Rui Barbosa sobre a ótica da prevenção. Com a informação reunida e organizada no relatório foi possível preencher uma ficha de inventário acerca do Museu Casa de Rui Barbosa que dá acesso direto as informações relativas à caracterização do edifício e seu transcurso ao longo do tempo.

INVENTÁRIO: MUSEU CASA DE RUI BARBOSA	
Patrimônio edificado: Casa de Rui Barbosa	
1. Localização: (anexo 1 – mapas e textos)	Rua S ^o Clemente, 134 / botafogo - Rio de Janeiro/RJ.
2. Uso atual:	MUSEU - CASA Em 1930 a edificação foi transformada em Museu-Casa, uso que permanece até hoje.
DADOS HISTÓRICOS	
3. Data de Construção:	[Meados do S ^o culo XIX]
4. Arquiteto/ Construtor:	Nome do arquiteto e/ou da construtora da edificação.
5. Tombamento: (anexo 2 – imagem do documento de tombamento)	IPHAN (antigo SPHAN) – Em 11 de maio de 1938.
6. Uso inicial:	CASA A casa foi construída em meados do século XIX e pertencia ao Bar ^o da Lagoa, Bernardo Casimiro de Freitas. Em 1879 a casa foi vendida ao Comendador Albino de Oliveira Guimarães, em 1890 o inglês John Roscoe Allen a comprou e em 1893 Rui Barbosa passou a ser o novo dono da edificação.
7. Usos por ambientes: (anexo 3 – plantas com os usos, atuais e anteriores, por ambiente)	Até a morte de Rui Barbosa, em 1923, a edificação teve o uso residencial, portanto os ambientes da casa eram típicos da arquitetura residencial urbana carioca: quartos, salões, banheiro, cozinha, etc... Em 1930, com a transformação da edificação em museu-casa, os ambientes se transformaram em salas de exposições, retratando o modo de viver das famílias nobres do século XIX. Porém, algumas salas tiveram que ser adaptadas a usos administrativos. Na década de 1970 foi construído no terreno da casa o Edifício Américo Jacobina Lacombe, para abrigar as atividades administrativas e de pesquisa,
FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA	Criado em: 29/12/2010 Alterado em: 24/2/2011
	Página 1 de 16

Figura 09: Ficha de inventário
Fonte: NPARQ FCRB, 2011

No que diz respeito a disseminação da informação, destaca-se entre os objetivos da pesquisa, ora em andamento, a integração dos processos de documentação e conservação do patrimônio cultural, através da identificação de métodos e instrumentos apropriados às necessidades de preservação.

O processo metodológico para o estabelecimento de um sistema integrado de informação sobre o bem cultural trabalha dentro da perspectiva do acesso em duas frentes, a primeira para o público especializado e que servirá de instrumento de trabalho para o Núcleo de Preservação Arquitetônica do Centro de Memória e Informação da Fundação Casa de Rui Barbosa e auxiliará na tomada de decisões futuras acerca do edifício e de suas coleções.

Esta primeira iniciativa consiste na elaboração de um banco de dados com todas as informações relativas ao edifício, não apenas no âmbito do plano de conservação preventiva, mas um repositório onde se possa ter acesso a todas as informações relativas ao edifício já levantadas. Estão sendo realizadas pesquisas sobre os modelos existentes de softwares aplicados a este fim em outras instituições, modelos produzidos por universidades, que se adaptem a heterogeneidade da documentação coletada e que permita a inserção de dados gráficos, como desenhos em 2D e 3D.

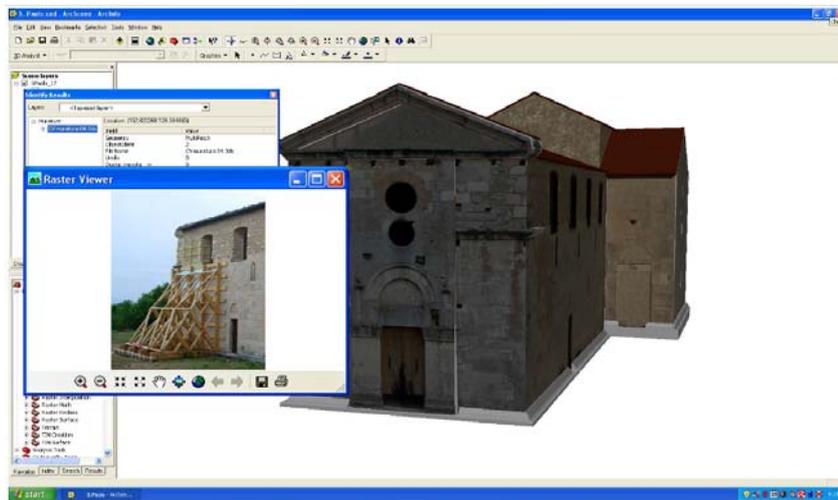
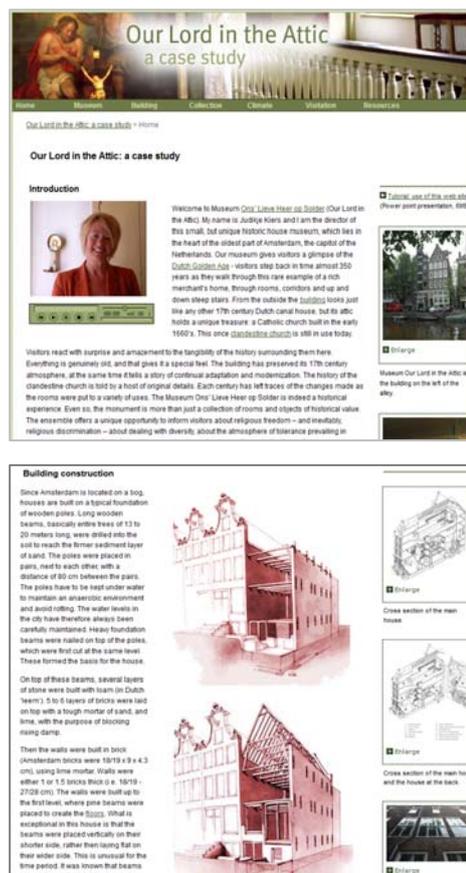


Figura10: Figura SIArch desenvolvido pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Dell'Aquila, na Itália.

A segunda iniciativa constituirá de um site na internet para a disponibilização das informações acerca do Museu Casa de Rui Barbosa, no âmbito do Plano de Conservação Preventiva, para o público leigo em geral, utilizando o mesmo conteúdo do Relatório supracitado de forma resumida, apresentando a edificação e sua trajetória, com acesso aberto na Web. Para embasar esta etapa, está sendo realizada uma pesquisa em Sites de temas correlatos a fim de utilizá-los como referências para a elaboração do Site sobre o Plano de conservação Preventiva. Nesta pesquisa, foi observada a estrutura e apresentação dos conteúdos, bem como os esquemas gráficos utilizados nesta apresentação. A partir disto foi montado um esboço do mapa do Site. Um dos sites utilizado como referência, foi o site produzido pelo *Getty Conservation Institute – Our Lord in the Attic: A case of Study*, que segue uma estrutura interessante e pode ser semelhante a que pretendemos construir.



Figuras 10 e 11: Referência site Our Lord in the Attic: A case of Study
http://www.getty.edu/conservation/publications_resources/teaching/case/olita/index.html

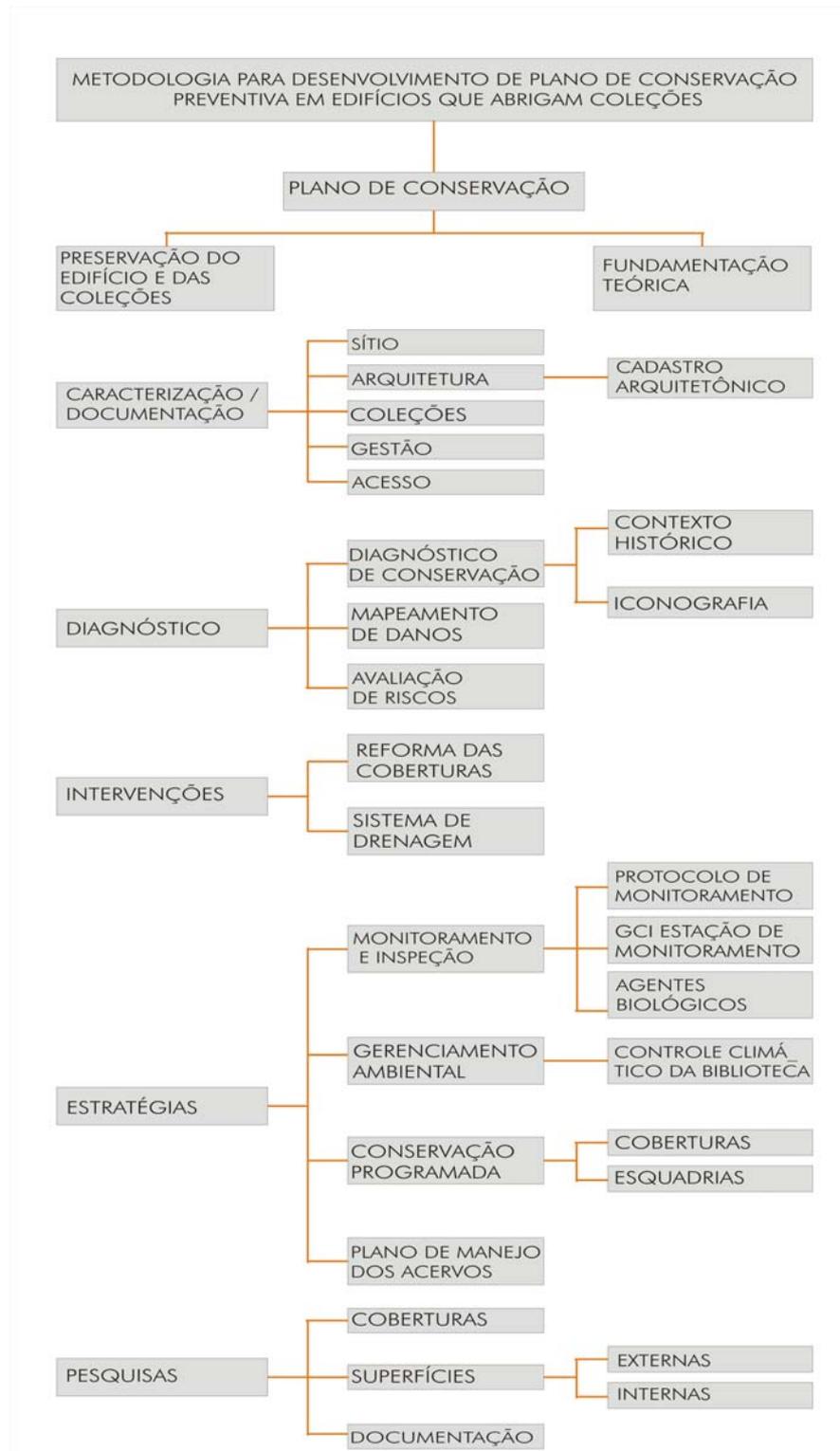


Figura 12: proposta de organização do Site sobre o Plano de conservação Preventiva

As dificuldades encontradas na pesquisa até o momento, estão relacionadas à falta de informações que comprovem a execução de algumas das intervenções mencionadas nos documentos pesquisados, como relatórios de acompanhamento de obras e/ou documentações *pós intervenção* – ausentes nestes arquivos. Estas verificações deverão ser realizadas agora, em uma próxima etapa, onde serão feitas análises físicas e testes laboratoriais do próprio edifício, que se configura também como um documento histórico, encerrando em si informações importantes para o entendimento de seu valor e significados no decurso do tempo.

Referências bibliográficas

BABELON, Jean-Pierre; CHASTEL, Andre. *La Notion de Patrimoine*. Paris: Lina Levi, 1994.

CARTA de Veneza. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. IPHAN, Rio de Janeiro, 1987.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. *O Inventário do Patrimônio Urbano e Cultural de Belo Horizonte – Uma Experiência Metodológica*. In: SEMINÁRIO HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 5, 1998, Campinas. *Anais...* Campinas: FAU/PUC, 1998b.

COSTA, Lucio. *Documentação Necessária*. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 1937, n.1, p. 31-39.

Declaração de Sofia. 11ª Assembléia Geral do ICOMOS, Sofia, Bulgária, em Outubro de 1996, IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Identificação e Documentação. *Inventário Nacional de Bens Imóveis – Sítios Urbanos Tombados: manual de preenchimento, versão 2001*. Brasília.

LEMOS, Carlos. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo, Melhoramentos, 1979.

MOTTA, Lia; SILVA, Maria Beatriz Rezende (org.). *Inventários de Identificação: Um Panorama da Experiência Brasileira*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998.

MOTTA, Lia. *Cidades Mineiras e o IPHAN*. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Cidade: História e Desafios*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

PESSOA, J. (org.). *Lucio Costa: Documentos de Trabalho*. Rio de Janeiro; IPHAN, 1999.

Princípios para a Documentação de Monumentos, Conjuntos Urbanos e Sítios (Texto ratificado pela 11ª Assembléia Geral do ICOMOS, realizada em Sofia, Bulgária, 5-9 Outubro de 1996).

SÃO PAULO (cidade). PREFEITURA MUNICIPAL. SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. DEPARTAMENTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO. *Inventário Geral do Patrimônio Ambiental e Cultural: Liberdade*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1987.

TELLES, S.; CAMPOS, C. A. R.; MOTA, L.; ANDRADE, R. *Patrimônio Edificado I: Conservação/restauração*. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, n. 22, p. 9,1987.

A coleção família Barbosa de Oliveira e o Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa: reconstrução de contextos arquivísticos

Bolsista: Marcos Aurelio Santana Rodrigues*

1. Histórico do desenvolvimento das atividades no âmbito do projeto entre 2009 e 2011

O projeto “Reconstrução de Contextos Arquivísticos” do Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa tinha entre seus objetivos específicos analisar e descrever um objeto muito bem demarcado, ou seja, a chamada Coleção Família Barbosa de Oliveira, reunida por Américo Lourenço Jacobina Lacombe – que fora presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) por cerca de 53 anos –, e doada ao Arquivo Histórico e Institucional da FCRB no ano de 1993. Foi, então, a partir desta doação que, anos depois, mais exatamente em 2006, a equipe do Arquivo dedicou-se a desvinculá-la do arquivo pessoal de Américo, e classificá-la como uma coleção, que reúne diversas famílias e pessoas que tiveram relações de parentesco, econômicas, sociais e culturais ao longo dos anos de 1778 e 1965, que são as datas-limite da documentação. Foi, então, esta Coleção que mobilizou o trabalho de arquivistas, historiadores e outros profissionais, assim como bolsistas e estagiários na direção de produção de sentido para uma coleção que compreende um período de tempo considerável de quase dois séculos, além de uma massa documental de mais de seis mil itens, entre correspondência, imagens, recortes e muitos outros.

No relatório de fevereiro de 2010, referente às atividades que desenvolvi entre agosto de 2009 e fevereiro de 2010, já apontava para a situação de desenvolvimento do trabalho em

* Mestre em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); supervisor de documentação do Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ) da UFRJ; bolsista de desenvolvimento tecnológico, DT1B, do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área de Cultura, da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), entre 2009 e 2011.

relação à Coleção, trabalho este que apresentava resultados consideráveis alcançados pela equipe até então. Além disso, inseria a minha contribuição no projeto no sentido da descrição de duas séries específicas de documentos: a Série Família Leuzinger e a Série Família Masset, ambas com certo número de documentos em língua inglesa, francesa e alemã (que não foi alvo de descrição arquivística devido à dificuldade de tradução). Desatacava, assim, a complexidade das séries e as relações entre os dossiês que as compunham.

No relatório de agosto de 2010, apontava alguns resultados que vinham sendo consolidados em relação ao arranjo, como os dados referentes às dez séries e dois dossiês que se seguem: Família Conselheiro Albino, Família Rui Barbosa, Família Jacobina, Família Lacombe, Família Leuzinger, Família Masset, Família Geraldo de Resende, Série Instituições, Série Propriedades, Série Família Imperial. Além destas, a coleção possui também: Dossiê Documentos Avulsos e Dossiê Iconografia (fotografias, daguerreótipos, ambrótipos, fotopintura, cartê de visite, cartão postal fotográfico).

Relatava, mais especificamente, atividades referentes a descrição dos dossiês das séries Família Leuzinger e Família Masset e o início da revisão da dimensão, notação e planilhas da Coleção Família Barbosa de Oliveira, do mesmo modo que as planilhas das séries e dossiês da Coleção. A partir destas atividades, conforme destacava, foi possível elaborar um registro de dados quantitativo da Coleção (anexo 1), de modo que pudéssemos ter uma visão sistêmica dos dados quantitativos. Por fim, assinalava minha capacitação profissional através da participação em seminários organizados pela FCRB, como por exemplo, um dirigido pelo prof. Luiz Felipe de Alencastro sobre o Rio de Janeiro em meados do século XIX¹, justamente um dos principais períodos de abrangência da documentação da Coleção e

¹ Sobre o citado evento, destaco que foi intitulado “O Rio de Janeiro e o Brasil em torno de 1850” e foi ministrado pelo professor Luiz Felipe de Alencastro, da Universidade de Paris Sorbonne; foi realizado no auditório da Fundação Casa de Rui Barbosa, nos dias 26 a 30 de julho de 2010, curso este organizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa em parceria com a Associação dos Amigos da Casa de Rui Barbosa.

que muito contribui para a descrição e a compreensão dos contextos arquivísticos que procurávamos esclarecer.

Apontava, naquele momento, algumas mudanças metodológicas que emergiram frente a problemas que não havíamos previsto e que se impuseram em um momento de consolidação tanto do arranjo quanto da descrição arquivística e da notação. Destaco que nesta consolidação foi importante o avanço da descrição, de maneira que permitiu à equipe reavaliar alguns casos singulares que puderam ser redimensionados. Isto só foi possível pelo próprio caráter de coleção dos documentos, uma vez que não fora possível restabelecer a ordem original e a proveniência de tais documentos, levando a equipe a intervir e reelaborar seus conjuntos de forma mais inteligível possível.

Em novembro de 2010, relatava muito parcialmente atividades do curto período de agosto a novembro de 2010, assinalando a atualização dos dados de dimensão, notação das planilhas nível dossiê e nível série da Coleção Família Barbosa de Oliveira, além da revisão das planilhas das séries e dossiês da Coleção e da revisão de dados dos documentos escritos em língua estrangeira, especificamente os em francês, que passariam por processo de tradução. Reafirmava, assim, as mudanças metodológicas e seus efeitos sobre o arranjo e a descrição da Coleção, indicando o seu ordenamento final e a atualização dos dados e das traduções de documentos em francês.

No penúltimo relatório apresentado, em janeiro de 2011, destacava o desenvolvimento de atividades relacionadas à capacitação profissional, como reuniões técnicas no âmbito do Arquivo, além de atualizações de dados referentes à dimensão e à notação da Coleção. Além disso, tratei da atualização de dados nível série e dossiê, atualizando informações sobre os documentos em francês que vinham sendo traduzidos e sendo objetos de descrição. De outro modo, apresentava um levantamento dos documentos danificados e que foram enviados para restauração. Assinalava, ainda, questões de ordem metodológica que, de acordo com o estágio do trabalho e seus resultados apresentados até então, não sofrera mais modificações.

Em suma, de acordo com os relatórios apresentados, ao longo desses aproximados dois anos, é possível dizer que minha participação no “Projeto Reconstrução de Contextos

Arquivísticos” contribuiu para desenvolver e finalizar a descrição da Coleção Família Barbosa de Oliveira, além de consolidar uma metodologia de trabalho criada – e recriada, quando preciso –, pela equipe do Arquivo Histórico da Fundação Casa de Rui Barbosa, perpassada por todos os rigores que os trabalhos científicos assim exigem.

2. Versão final da descrição da Coleção Família Barbosa de Oliveira no âmbito do projeto “Reconstrução de Contextos Arquivísticos”

Após cerca de cinco anos de trabalho, chegamos à versão final da descrição da Coleção Família Barbosa de Oliveira, que abrange o período de 04-04-1778 a 25-10-1965, conforme está representada na Planilha Guia da Coleção. Deste modo, descrevo e mostro seus principais resultados.

A planilha guia informa os dados referentes à tipologia documental, tais quais:

alvará, ação de sociedade anônima, ação ordinária, alvará, ambrótipo, anotação, apelação cível, apólice, artigo, ata, atestado, atestado médico, apólice de seguro, artigo de jornal, assento de batismo, auto de partilha, bilhete, bilhete postal, biografia, caderneta, caderno de notas, canhoto de passagem marítima, caricatura, carta, carta de aforamento, carté de visite, carta de alforria, carta de transpasse e aforamento, contrato, contrato de sociedade, carta bilhete, carta de apresentação, carta de arrematação, carta de recomendação, cartão, cartão de agradecimento, cartão de cumprimento, cartão de felicitação, cartão de saudação, cartão de visita, cartão postal, cartão postal ilustrado, certidão, cautela, cédula, certidão de batismo, certificado, certificado de oblato, certificado de substabelecimento, daguerreótipo, declaração da vontade, comunicação de evento, conta telefônica, contrato, convite, convite de casamento, desenho, designação, diploma, felicitação, diploma de primeira comunhão, discurso, entradas (tickets), escritura, exercícios de francês, extrato de conta corrente, lançamento (anotação contábil), folheto, fotografia, foto-pintura, imposto de indústria e profissão, inventário *post mortem* e formal de partilhas, ingresso, inventário, levantamento contábil, lista, listagem de despesas, matrícula de escravo, movimento de caixa, nota fiscal, notificação, memória, menu, minuta, minuta de contrato mercantil, modelo de certificado de tradução, nomeação, norma, nota, nota de falecimento, nota fiscal, nota promissória, oblação, ofício, patente, poema, procuração, protesto, pagamento de conta, papel moeda, planilha, poesia, procuração,

programa, programa de concerto, protesto, recibo receita, recibo de aluguel, recibo de compra de mercadorias, recibo de contribuição, recibo de venda de escravo, recibo de imposto, relação nominal dos habitantes, recorte de jornal, regulamento, relatório, resumo de evento comemorativo, soneto, santinho, souvenir de l'exposition, telegrama, termo de fiança, termo de quitação.²

Outros dados relevantes são referentes ao campo imprensa – ou seja, o campo que identifica a unidade de descrição geográfica e cronologicamente; ou ainda, indica a localidade correspondente à unidade de descrição³ –, conforme os que se seguem:

Amparo (SP), Annecy (FRA), Bahia (BRA), Balê (SUI), Barbacena (MG), Belo Horizonte (MG), Berlim (ALE), Berna (SUI), Bom Destino (MG), Bruxelas (BEL), Bougival (FRA), Buenos Aires (ARG)|a Cachoeira (BA), Campiégne (FRA), Campinas (SP), Caravelas (BA), Carlsruhe (SUI), Carnonstie (UK), Croissy-Sur-Soiné (FRA), Caxambu (MG), Coimbra (PT), Cruzeiro (SP), Cantagalo (RJ), Chicago (EUA), Dusseldorf (ALE), Franca (SP), Falmouth Hoadlane (EUA), Genebra (SUI)|a Gembloux (BEL), Hamburgo (ALE), Havre (FRA), Hannover (ALE), Haute-Vienne (FRA)|a Itaparica (BA), Itapema (SC), Jaguari (SP), Jundiaí (SP), Lindóia (MG) La Paz (BOL), Lambary (MG) Lausanne (SUI), Le Faure (FRA), Lisboa (PT), Londres (UK)|a Madri (ESP), Meltingem (SUI)|a Mogi-Mirim (SP) Macabú (RJ), Manaus (AM), Manchester (UK), Marília (SP), Marseille (FRA), Montreal (CAN), Mar Del Plata (ARG), Mollis (SUI), Montron (FRA), Nestersitz (ALE), Nice (FRA), Niterói (RJ), Nazaré (BA), New York (EUA), Nova Friburgo (RJ), Orbroath (UK), Paranagua (PR), Paris (FRA), Pará (BRA), Pernambuco (BRA), Petrópolis (RJ), Poços de Caldas (MG), Plombières (FRA), Praia do Boqueirão (SP), Pólo Pines (Monroe – EUA), Porto (PT), Porto Novo da Cunha (Além Paraíba, MG), Porto Alegre (RS), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Roma (ITA), São João D'El-Rei (MG), São Lourenço (MG), São Paulo (SP), Santos (SP), Salvador (BA), Saint Gallen (SUI), Saint-Julien (FRA), Schonprieze (ALE), São Vicente (SP), Sorocaba (SP), Stuttgart (ALE), St. Léonard (FRA), Teresópolis (RJ),

² Cf. <http://basesdedados.casaruibarbosa.gov.br/casaruibarbosa/afcrb/>

³ Cf. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Metadados: base descritiva sobre arquivos pessoais e arquivo institucional (APES e AF CRB)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2008 [texto digitado].

Travessa Sorocaba (SP), Tremembé (MG), Villarville (Normandia), Viena (AUS), Vitória (ES), Woodlane (EUA).⁴

Os dados produzidos em todos os dossiês e séries da Coleção permitiram que fosse elaborado o campo 520 – campo que “identifica o(s) assunto(s) e as espécies da unidade de descrição visando fornecer aos usuários informações sobre sua eventual relevância”⁵ e faz um panorama de toda a Coleção – descrevendo da seguinte forma:

A coleção Família Barbosa de Oliveira compreende o período de 04-04-1778 a 25-10-1965, é composta por cerca de 5,46 metros lineares de documentos textuais e iconográficos, constituídos em sua grande maioria por correspondência trocada entre, aproximadamente 215 missivistas. A riqueza do acervo está nas informações do cotidiano retratado nas fontes documentais dos muitos membros das famílias. As relações sociais são marcadas por sobrenomes importantes, destacando-se as famílias: Imperial, Rui Barbosa, Jacobina, Leuzinger, Masset, Lacombe, Geraldo de Resende, dentre outros, que por meio de narrativas e diálogos trocados entre missivistas, produtores e autores, estampam-se cenários políticos, econômicos e culturais relevantes para a história do país, transparecendo modelos sociais, hábitos e costumes dos grupos familiares que constituem a Coleção Família Barbosa de Oliveira. Na coleção destacam-se nomes como: Albino José Barbosa de Oliveira, Isabel Augusta de Souza Queirós Barbosa de Oliveira, Antônio de Araújo Ferreira Jacobina, Francisca Barbosa de Oliveira Jacobina, Rui Barbosa, Maria Augusta Rui Barbosa, Domingos Lourenço Lacombe, Isabel Jacobina, Georges Leuzinger, Eleonore Leuzinger, Eugenie Leuzinger Masset, Gustave Leon Masset, Gabrielle Brune Sieler, Maroquinha Jacobina Rabelo, Baronesa Maria Amélia Geraldo de Resende. Os registros documentais também tratam de assuntos referentes às questões que envolvem instituições, propriedades, negócios e investimentos que foram administrados ou herdados pelos diversos membros da Coleção, tais como: escravos, fazenda do Rio das Pedras, Fazenda da Boa Vista, Casarão da Rua dos Inválidos, Banco Brasileiro de Imigração, Banco Construtor do Brasil, Banco das Classes Laboriosas, Banco Vitalício do Brasil,

⁴ Cf. <http://basesdedados.casaruibarbosa.gov.br/casaruibarbosa/afcrb/>

⁵ Cf. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Metadados*: base descritiva sobre arquivos pessoais e arquivo institucional (APES e AFCRB). *Op. cit.*

Bradshaw Wankeyn and Sons, Clube Beethoven, Colégio Jacobina, Colégio Progresso, Companhia Industrial de Calçado, Companhia Minas de Ferro Jacupiranguinha, Companhia União Sorocaba e Ituana, Companhia Typographica do Brasil, Companhia Ferro-Carril da Villa Isabel, Leuzinger Irmãos e Cia, Schoeberlein e Lobenhoffer, Escola Pontes e Calçados-Paris (Ponts et chaussées).⁶

Assinalo também dados referentes ao campo 545 – que “identifica a história administrativa e/ou dados biográficos dos produtores da unidade de descrição, visando melhor compreensão”⁷ –, conforme as seguintes informações sobre a família Barbosa de Oliveira:

De origem e ascendência portuguesa, a coleção Família Barbosa de Oliveira (CFBO) constitui muitas gerações ao longo dos séculos que estabeleceram uma progressão temporal e familiar registrada documentos produzidos em decorrência do desenvolvimento de cada núcleo familiar e, posteriormente, acumulados de forma artificial por Américo Lourenço Jacobina Lacombe, a coleção é composta por documentos que somam mais de cento e cinquenta anos de história. João Barbosa de Oliveira, nascido no Porto (XVIII), filho de Antonio Barbosa de Oliveira, igualmente nascido português (XVIII), são os ascendentes da Família Barbosa de Oliveira, que tem em Albino José Barbosa de Oliveira (1809-1889), magistrado e ministro do Supremo Tribunal de Justiça (BR), a figura mais proeminente deste acervo. Neto de José Antônio Barbosa de Oliveira (Bahia, 1874) e Maria Rosemunda da Mata Ferreira, o conselheiro Albino, como era conhecido Albino José Barbosa de Oliveira, após honraria concedida pelo Imperador, era primo de Rui Barbosa em segundo grau e foi bisavô de Américo Lacombe. Com as ligações estabelecidas pelos casamentos promovidos seguindo os critérios e modelos pré-definidos da época, a coleção recebeu a inserção de outros núcleos familiares. As relações são marcadas por sobrenomes importantes como as famílias: Imperial, Rui Barbosa, Jacobina, Leuzinger, Masset, Lacombe, Geraldo de Resende, dentre outros. São pessoas, instituições e fatos que têm as histórias inscritas em épocas distintas, tendo o Rio de Janeiro, Bahia e São

⁶ Cf. <http://basesdedados.casaruibarbosa.gov.br/casaruibarbosa/afcrb/>

⁷ Cf. FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Metadados*: base descritiva sobre arquivos pessoais e arquivo institucional (APES e AFCRB). *Op. cit.*

Paulo como principais cenários geográficos para o desenvolvimento das atividades em que eram envolvidos.⁸

É possível destacar também os idiomas que foram escritos muitos documentos da Coleção, como português, francês, inglês, alemão, italiano, espanhol e latim, sendo que somente o segundo e o terceiro foram objetos de descrição.

Além da planilha guia da Coleção outro instrumento que construímos para a sistematização de informações sobre a Coleção foi o “Relatório Quantitativo de Dados da Coleção Família Barbosa de Oliveira” (anexo 1), conforme já foi dito, que reúne informações sobre a dimensão e as datas-limite dos conjuntos séries e dossiês. Portanto, diante destes instrumentos, foi possível descrever a Coleção e informar aos usuários os seus principais aspectos que podem permitir reconstituir os contextos arquivísticos e históricos das famílias que se relacionaram com os Barbosa de Oliveira, assim como dela própria.

Considerações finais

Nesta brevíssima exposição procurei destacar pontos que julguei importantes na consolidação do trabalho arquivístico relacionado à Coleção Família Barbosa de Oliveira. Entre eles relevo a descrição dos dossiês famílias Masset e Leuzinger, que contaram com documentos produzidos em francês que foram ora traduzidos, ora resumidos para o português de modo que permitisse a descrição completa dos seus documentos, fundamentados nos procedimentos indicados no Metadados⁹. Relevante também foram as mudanças metodológicas que tivemos que promover mediante aos problemas que se colocavam no nosso trabalho, mudanças essas que repercutiram inclusive no arranjo dos citados dossiês e que permitiram enfrentar problemas como as repetições de nomes, comum entre vários componentes das famílias que estão representadas na Coleção.

Mostrei, ainda, que estes tipos de problemas não eram exclusivos dos dossiês destacados, mas também ocorriam entre outros. Foi somente a partir do momento em que passei a

⁸ Cf. <http://basesdedados.casaruibarbosa.gov.br/casaruibarbosa/afcrb/>

⁹ FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Metadados*. *Op. cit.*

trabalhar em outros dossiês, através de ajustes e revisão, que pude ter ciência de outros problemas que permaneciam na organização e na descrição – referentes à dimensão, ao arranjo e a notação.

A localização das questões assinaladas permitiram que fizéssemos mudanças nos nossos procedimentos, mudanças estas que foram possíveis por todo o trabalho dialógico e pela flexibilidade metodológica que caracterizava nossa orientação, que, sem dúvida, só foi possível pela interação e debates constantes entre os membros da equipe de trabalho dedicada à Coleção.

A partir dos ajustes necessários pudemos finalizar o trabalho com o sucesso almejado e disponibilizar aos usuários tanto a documentação da família Barbosa de Oliveira quanto informações *online* sobre ela, através da base de dados da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Todo o esforço de finalização do trabalho certamente não seria possível sem um trabalho minucioso de revisão tanto dos documentos quanto dos instrumentos que os informam, desde a contagem dos itens até a revisão das planilhas de entradas de dados, a produção de saberes quantitativos expressos em relatórios de dados e em relatórios de atividades, como este aqui apresentado e os de outros bolsistas que passaram por este bem sucedido projeto orientado e coordenado pela chefe do Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa, Lucia Maria Velloso de Oliveira.

A configuração final aqui apresentada é decorrente tanto da especificidade do trabalho de descrição, do qual participei, assim como de todas as demais etapas de avaliação, classificação, organização e outras que marcam as ações e os procedimentos do campo arquivístico, que, felizmente, se abre para o diálogo com outros campos de saber, como a História e as Ciências Sociais, por exemplo, e, assim, permite um enriquecimento muito mais amplo em relação ao passado dos documentos e dos produtores e colecionadores presentes e representados na Casa de Rui Barbosa. E foi justamente dessa relação com outros campos que tive a oportunidade e o prazer de participar de um processo de gestão documental que muito contribuiu para minhas reflexões históricas e os meus procedimentos de organização de arquivos pessoais, mesmo reconhecendo e reafirmando que, como historiador, é imprescindível o diálogo com os profissionais arquivistas, para que possamos

compreender e enfatizar a importância dos arquivos pessoais para a pesquisa do passado e das relações sociais do próprio presente.

Por fim, só tenho a agradecer a oportunidade por esses dois anos de muito trabalho e de muito aprendizado, além de vínculos de amizade que, ao que me parece, foi e é a liga para o sucesso tanto do projeto “Reconstrução de Contextos Arquivísticos” quanto do próprio Arquivo Histórico e Institucional.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa. *A Vocação do prazer*. A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro, Rocco, 2. ed. 1995.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 9-34.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. *Arquivística, objetos, princípios e rumos*. São Paulo: Associa o de Arquivistas de São Paulo, 2002.

_____. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. *Como fazer análise diplomática e tipológica de documento de Arquivo*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

BREJO, Jacilene Alves. Projeto Arquivos pessoais de valor histórico – Cole o Família Barbosa de Oliveira: Descri o Arquivística. Rio de Janeiro: Funda o Casa de Rui Barbosa, janeiro de 2010.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da forma o da memória em um mundo pós-moderno. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, 1998, p. 129-149.

DUCHEIN, Michel. O Respeito aos Fundos em Arquivística: Princípios teóricos e problemas técnicos. *Arquivo. & Administra o*, Rio de Janeiro, 10-14 (1): 14-33, abr. 1982/ago. 1986.

DUCROT, Ariane. A classificação dos arquivos pessoais e familiares. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 21, p. 151-167, 1992.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Rui Barbosa: Cronologia da vida e obra*. 2. ed. ver. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Edital para Seleção de Bolsistas de Pesquisa. Concurso nº 1/2009. Processo nº 01550.000029/2009-74*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2009. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/editais_licitacoes/CONCURSO12009BOLSISTAS.pdf>. Acessado em 03/02/2010.

GOFF, Jacques Le. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LACOMBE, Américo Jacobina. *Genealogia dos Barbosa de Oliveira*. Anuário genealógico brasileiro a. 2, p. 290-306, 1940.

LOPEZ, Andre Porto A. *Arquivos pessoais e as fronteiras da arquivologia*. Gragoatá, Niterói, n. 15, p. 69-82, 2003.

NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Barbosa Camila. *Águas passadas*. São Paulo: Tipografia Edanee S.A., 1956.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. *Análise tipológica em arquivos pessoais: uma representação do código social [Projeto de pesquisa]*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/bolsistas/2010/FCRB_Selecao_de_Bolsistas_2010_Analise_tipologica_dos_documentos.pdf>

POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, n. 3, 1989.

SCHELLENBERG, T. R. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. Rio de Janeiro: FGV, 2. ed. 2002.

THOMASSEN, Theo. A first introduction to Archival Science. *Arquivo e Administração*. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, v. 5, jan/jun, 2006, p. 5-16.

VASQUEZ, Pedro. Projeto Arquivos pessoais de valor histórico – Coleção Família Barbosa de Oliveira: Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, fevereiro de 2010.

ANEXO

RELATÓRIO QUANTITATIVO DE DADOS DA COLEÇÃO FAMÍLIA BARBOSA DE OLIVEIRA - JULHO DE 2011

CFBO - Família Barbosa de Oliveira	240 Pastas	Docs especiais	6665 Docs textuais	15126 fls	528 Anxs Envs	59 Anxs Outros	100 Transcs	Datas 04.04.1778 - 25.10.1965
SFCA - Família Conselheiro Albino	54 Pastas	4 Docs especiais	1093 Docs textuais	2626 Fls	94 Anxs Envs	9 Anxs Outros	10 Transcs	Datas 04.04.1778 - 28.04.1959
DMCVA - M^a Carmelita V. de Azevedo	1 Pasta		4	7	0	1		06.05.1914 - 18.05.1919
DAJBO - Albino José Barbosa de Oliveira	10 Pastas	3 (2 ambrótipos e 1 daguerreótipo)	230	861	3	0		11.05.1825 - 14-12-1892
DAJBO (2º) - Albino J. B. de Oliveira (2º)	2 Pastas		56	111	7	0		12.05.1876 - 25.07.1907
DAJBO (3º) - Albino J. B. de Oliveira (3º)	1 Pasta		2	2	0	0		00.00.00 - 20.01.1917
DAMBO - América Barbosa de Oliveira	1 Pasta		1	2	0	0		05.04.1898
DALBO - Américo Leonides B. de Oliveira	1 Pasta		1	2	0	0		02.02.1886
DABO - Ana Barbosa de Oliveira	1 Pasta		2	4	2	0		14.09.1899 - 14.01.1912
DANBO - Antonio Barbosa de Oliveira	1 Pasta		1	3	0	0		04.04.1778
DCABO - Camila Ataliba B. de Oliveira	1 Pasta		9	16	1	0		14.09.1899 - 04.05.1926
DCAMBO - Camila Barbosa de Oliveira (Camilota)	1 Pasta		46	88	1	0		14.09.1896 - 28.04.1959
DCRBO - Carlota Barbosa de Oliveira	1 Pasta		5	7	2	0		12.04.1898 - 17.02.1909
DCMBO - Carmem Barbosa de Oliveira	1 Pasta		1	1	0	0		22.09.1929
DELBO - Eugênia Langaard B. de Oliveira	1 Pasta		1	2	0	0		09.04.1891
DEBO - Eugênio Barbosa de Oliveira	1 Pasta		19	33	2	0		29.11.1863 - 07.02.1908
DFBO - Francisca Barbosa de Oliveira	1 Pasta		2	4	1	0		21.09.1929 - 30.10.1929
DIBO - Isabel Ataliba Barbosa de Oliveira	1 Pasta		18	34	0	0		14.09.1899 - 24.05.1929

DIASQBO - Isabel Augusta de S. Q. B. de Oliveira	6 Pastas		198	596	13	0		28.01.1862 - 03.01.1917
DJJBO - João José Barbosa de Oliveira	2 Pastas		45	91	2	0	10	01.03.1834 - 06.08.1874
DJBO - José Barbosa de Oliveira	1 Pasta		1	1	0	0		07.06.1790
DJOBO - José Barbosa de Oliveira (2º) (Zuza)	1 Pasta		12	23	0	0		15.07.1822 - 25.08.1874
DJLBO - José Luis Barbosa de Oliveira	1 Pasta		1	2	0	0		01.04.1942
DLBO - Luci Barbosa de Oliveira	1 Pasta		4	8	1	0		15.06.1914 - 12.09.1920
DLABO - Luis Albino Barbosa de Oliveira	7 Pastas		403	674	55	8 recorte jornal		14.09.1868 - 10.03.1925
DLABO (2º) - Luis Albino B. de Oliveira (2º)	1 Pasta		2	2	2	0		14.09.1897 - 26.11.1943
DLANBO - Luis Antonio B. de Oliveira	1 Pasta		2	3	0	0		09.01.1807
DLADBO - Luisa Adelaide B. de Oliveira	1 Pasta		3	4	0	0		18.12.1922 - 22.12.1928
DLATBO - Luisa Ataliba B. de Oliveira	1 Pasta		6	11	0	0		07.06.1916 - 29.12.1925
DLUBO - Luisa Barbosa de Oliveira (Luizete)	1 Pasta		5	8	0	0		14.09.1896 - 07.06.1916
DMLEBO - Maria Leonor B. de Oliveira	1 Pasta		3	6	2	0		24.05.1888 - 20.07.1896
DMLUBO - Maria Luisa B. de Oliveira	1 Pasta	1 foto pintura	1	4	0	0		29.10.1942
DMRBO - Maria Rosemunda B. de Oliveira	1 Pasta		4	7	0	0		15.07.1825 - 00.03.1850
DMBO - Mariana Barbosa de Oliveira	1 Pasta		4	8	0	0		13.09.1919 - 01.02.1927

SFRB - Família Rui Barbosa	9 Pastas	Docs especiais	130 Docs textuais	240 Fls	55 Anxs Envs	12 Anxs Outros	85 Transcs	Datas 19.10.1867 - 00.00.1922
DFRBA - Francisca Rui Barbosa Airosa	1 Pasta		8	12	1	0	0	01.01.1894 - 05.04.1899
DBBOL - Brites Barbosa de Oliveira Lopes	1 Pasta		7	16	0	0	3	19.10.1867 - 14.04.1876
DMARB - Maria Augusta Rui Barbosa	1 Pasta		6	9	3	0	0	22.01.1884 - 22.04.1914
DRB - Rui Barbosa	5 Pastas		97	186	48	12	82	14.10.1868 - 00.00.1922
DMARBP - Maria Adélia Rui. Barbosa Batista Pereira	1 Pasta		12	17	3	0	0	30.12.1893 - 06.07.1912

SFJ - Família Jacobina	58 Pastas	8 Docs especiais	2177 Docs textuais	5001 Fls	207 Anxs Envs	29 Anxs Outros	6 Transcs	Datas 30.09.1843 - 14.09.1950
DFB - Francisca Zózimo Barbosa	1 Pasta		16	28	2	0	0	06.02.1889 - 03.10.1919
DZB - Zózimo Barroso	1 Pasta		2	8	0	0	0	04.03.1915
DEGB - Eduardo dos Guimarães Benjean	1 Pasta	-						
DDPFC - Daniel Pedro Ferro Cardoso	1 Pasta		30	55	0	1 desenho	0	18.12.1880 - 10.04.1889
DJJF - João José de Figueiredo	1 Pasta		2	3	0	0	0	29.07.1912 - 31.07.1912
DABOJ - Alberto B. de Oliveira Jacobina	1 Pasta		25	55	5	0	0	27.04.1874 - 03.04.1933
DAAFJ - Antonio de A. Ferreira Jacobina	12 Pastas	3 (1 fotografia, 1 daguerreótipo, 1 foto pintura)	618	1500	52	16 diversos	3	18.07.1849 - 23.09.1898
DAAFJ (3º) - Antonio de A. F. Jacobina (3º)	2 Pastas		112	204	6	0	0	08.12.1872 - 19-05-1946
DAAFJ (4º) - Antonio de A. F. Jacobina (4º)	1 Pasta		1	2	0	0	0	13.02.1917
DEAFJ - Eduardo de A. Ferreira Jacobina	1 Pasta		3	4	0	0	0	02.03.1883 - 17.06.1933
DFBOJ - Francisca B. de O. Jacobina	16 Pastas	3 (2 cartões-postais, 1 fotografia)	988	2262	108	8 diversos	2	21.01.1860 - 14.09.1950
DGFJ - Gedeão Ferreira Jacobina	1 Pasta		9	26	0	0	0	16.04.1868 - 00.01.1894
DJAFJ - Joaquim d'Araújo F. Jacobina	1 Pasta	1 ambrótipo	13	26	0	0	0	20.06.1849 - 20.11.1865
DJEFJ - José Eustáquio Ferreira	3 Pastas		125	311	6	0	0	15.12.1849 - 03.05.1898
DJFJ - Juvêncio Ferreira Jacobina	1 Pasta		1	2	0	0	0	08.07.1918
DMAJ - Maria Amélia Jacobina	1 Pasta		36	78	4	0	1	12.08.1876 - 02.03.1904
DMBMJ - Maria Benedita M. Jacobina	1 Pasta		29	62	3	0	0	10.06.1868 - 18.01.1938
DMLJ - Maria Leopoldina Jacobina	1 Pasta		3	7	0	0	0	20.01.1891 - 22.05.1901
DPBOJ - Paulo B. de Oliveira Jacobina	1 Pasta		1	2	0	0	0	19.09.1871
DRPJ - Rui Pedigão Jacobina	1 Pasta	-						
DTLAJ - Teresa Leopoldina A. Jacobina	1 Pasta		1	2	0	0	0	22.12.1883
DAAM - Ana Adelaide de Mascarenhas	1 Pasta		19	55	6	0	0	11.01.1862 - 27.12.1879
DFPRM - Francisco Pinto dos R. Mascarenhas	1 Pasta		6	15	0	0	0	30.09.1843 - 27.01.1863

DJCFM - Joaquim C. Figueiredo Mascarenhas	1 Pasta		33	66	2	3 diversos	0	19.01.1874 - 24.08.1895
DCSR - Cesar de Sá Rabelo	1 Pasta		2	2	0	0	0	14.01.1932
DMJR - Maria Jacobina de Sá Rabelo	1 Pasta		6	10	0	0	0	16.04.1900 - 23.05.1932
DJRF - Jaime Romaguera Filho	1 Pasta		12	25	1	2 recortes jornal	0	14.04.1868 - 25.03.1931
DAJR - Amélia Jacobina Romaguera	1 pasta		72	163	10	0	0	00.00.1863 - 21.12.1919
DAR - Augusto Romaguera	1 Pasta		2	2	0	0	0	18.03.1891 - 09.04.1896
DGR - Georgina Romaguera	1 Pasta		4	10	0	0	0	21.12.1895 - 04.07.1917
DMLR - Maria Leopoldina Jacobina Romaguera	1 Pasta	1 fotografia	5	15	2	0	0	08.12.1892 - 26.05.1900

SFL - Família Lacombe	34 Pastas	33 Docs especiais	1455 Docs textuais	2701	23 Anxs Envs	5 Anxs Outros	0 Transcs	Datas 26.08.1858 - 27.03.1962
DDLL - Domingos Lourenço Lacombe	9 Pastas	1 fotografia	548	985	5	5 recorte jornal	0	26.08.1858 - 27.03.1962
DDOJL - Domingos O. Jacobina Lacombe	1 Pasta		4	6	0	0	0	22.02.1932 - 29.03.1936
DFJL - Francisca Jacobina Lacombe	1 Pasta	10 fotografias	6	8	1	0	0	20.10.1892 - 16.06.1932
DHLL - Henrique Luis Lacombe	1 Pasta	8 fotografias	3	8	0	0	0	04.02.1876 - 21.09.1922
DIJL - Isabel Jacobina Lacombe	11 Pastas	6 (1 carte visite, 2 cartões-postais, 3 fotografias)	607	1151	10	0	0	17.12.1870 - 28.01.1960
DJL - Júlio Lacombe	1 Pasta		37	86	1	0	0	21.01.1885 - 11.04.1942
DLJL - Laura Jacobina Lacombe	1 Pasta		13	16	1	0	0	31.10.1903 - 18.01.1960
DLLL - Lourenço Luis Lacombe	1 Pasta	2 (1 carte visite, 1 fotografia)	26	54	1	0	0	12.08.1889 - 24.08.1891
DMAJL - Maria Amélia Jacobina Lacombe	1 Pasta		11	12	0	0	0	10.01.1922 - 04.02.1933
DMIML - Maria Isabel de Melo Lacombe	1 Pasta	1 carte visite	59	152	0	0	0	07.01.1881 - 28.07.1890
DMIJL - Maria Isabel Jacobina Lacombe	1 Pasta		7	11	1	0	0	31.01.1903 - 20.02.1925
DML - Marieta Lacombe	1 Pasta	3 fotografias	10	19	0	0	0	22.01.1885 - 28.06.1890
DMJL - Mário Jacobina Lacombe	1 Pasta		10	20	1	0	0	03.06.1920 - 19.06.1925

DRGL - Rose Gooda Lacombe	1 Pasta		4	8	2	0	0	27.12.1884 - 06.03.1901
DVJL - Vitor Jacobina Lacombe	1 Pasta		6	9	0	0	0	08.01.1922 - 13.10.1936
DMJRM - Maria Jacinta Raposo Melo	1 Pasta	2 (1 carte visite, 1 fotografia)	77	136	0	0	0	05.12.1872 - 28.12.1891

SFLZ - Família Leuzinger	10 Pastas	1 Doc. especial	81 Docs textuais	158 Fls	5 Anxs Envs	0 Anxs Outros	0 Transcs	Datas 14.12.1862 - 31.03.1919
DEL - Eleonore Leuzinger	1 Pasta	1 carte visite	12	29	0	0	0	14.12.1862 - 23.12.1899
DGL - Georges Leuzinger	1 Pasta		6	13	0	0	0	15.07.1868 - 03.02.1894
DJL - Jules Leuzinger	1 Pasta		1	2	0	0	0	05.01.1886
DLFL - Leocádia de Faria Leuzinger	1 Pasta		1	1	0	0	0	00.00.00
DML - Marie Leuzinger	1 Pasta		8	16	2	0	0	13.07.1868 - 11.01.1910
DPL - Paul Leuzinger	1 Pasta		3	4	0	0	0	21.02.1868 - 12.05.1898
DSKL - Sabina Keller Leuzinger	1 Pasta		7	12	2	0	0	01.01.1868 - 05.01.1897
DFM - Família Mounier	1 Pasta		3	4	0	0	0	18.02.1865 - 31.03.1906
DAS - Adolph Schermer	1 Pasta		9	16	0	0	0	07.02.1868 - 18.05.1881
DMLS - Matilde Leuzinger Schermer	1 Pasta		30	60	1	0	0	06.03.1863 - 31.03.1919

SFM - Família Masset	34 Pastas	5 Docs especiais	789 Docs textuais	2031 Fls	107 Anxs Envs	1 Anx Outros	0 Trasncs	Datas 26.01.1857 - 25.10.1965
DAB - Aline Bally	1 Pasta		3	5	0	0	0	09.05.1892 - 10.09.1893
DMMB - Matilde Masset Braconnot	1 Pasta		3	4	0	0	0	07.08.1910 - 17.12.1953
DGB - Georg Brune	1 Pasta		9	14	0	0	0	13.04.1892 - 04.03.1928
DOMC - Olimpia Masset Colombier	1 Pasta		15	31	0	0	0	24.00.1881 - 11.04.1897
DAJM - Adolphe Joseph Masset	1 Pasta		1	1	0	0	0	27.04.1910
DCM - Charles Masset	1 Pasta		1	1	0	0	0	07.03.1890
DCGM - Charles-Gustave Masset	1 Pasta		1	1	0	0	0	28.04.1886

DELM - Eugenie Leuzinger Masset	3 Pastas		192	421	105	0	0	11.10.1864 - 18.10.1922
DGSLM - Georges Leuzinger Masset	1 Pasta		53	115	0	0	0	00.00.1878 - 22.07.1939
DGM - Gilda Masset	1 Pasta		1	1	1	0	0	28.08.1917
DGELM - Gustave Eugene L. Masset	2 Pastas	1 daguerreótipo	10	117	0	0	0	23.03.1884 - 00.06.1941
DGLM - Gustave Leon Masset	2 Pastas		110	230	0	0	0	00.01.1868 - 00.00.1892
DJEM - Jacques Etienne Masset	1 Pasta		1	18	0	0	0	26.01.1857
DLM - Leon Masset	1 Pasta		1	1	0	0	0	13.07.1868
DLAVM - Louise A. E. G. Villodon Masset	1 Pasta		2	3	0	0	0	22.08.1860 - 03.05.1868
DMM - Marie Masset	1 Pasta		2	4	0	0	0	12.10.00 - 26.10.00
DMGM - Mercedes Guimarães	1 Pasta		3	10	0	0	0	19.10.1907 - 27.08.1910
DPM - Paulo Masset	1 Pasta		3	6	0	0	0	00.00.1917 - 00.00.1919
DEAMN - Eugenie A. Masset Mc Neill	1 Pasta		3	3	0	0	0	15.03.1878 - 22.11.1922
DMMR - Marie Masset Ritchie	1 Pasta		12	18	0	0	0	26.02.1876 - 28.10.1922
DPJR - Patrick Jamieson Ritchie	1 Pasta		4	7	0	0	0	30.04.1910 - 27.07.1913
DLS - Lucile Shieck	1 Pasta		4	5	0	0	0	23.03.1884 - 22.11.1922
DGBS - Gabrielle Brune Sieler	7 Pastas	3 (2 cartões-postais, 1 fotografia)	346	1001	1	1	0	23.03.1884 - 25.10.1965
DFWS - Frederich Wilhelm Sieler	1 Pasta	1 carte visite	7	11	0	0	0	25.07.1913 - 15.09.1915

SFGR - Família Geraldo de Resende	7 Pastas	Docs especiais	48 Docs textuais	87 Fls	18 Anxs Envs	0 Anxs Outros	0 Transcs	Datas 27.02.1864 - 03.02.1948
DMAGR - Maria Amélia G. de Resende	1 Pasta		5	8	1	0	0	27.02.1864 - 12.09.1899
DARM - Amélia de Resende Martins	1 Pasta		20	38	3	0	0	15.07.1892 - 03.02.1948
DERM - Estevão de Resende Martins	1 Pasta		1	4	0	0	0	12.01.1924
DJALM - João de Assis Lopes Martins	1 Pasta		8	13	5	0	0	05.11.1895 - 01.01.1913
DMARM - Maria Amélia de R. Martins	1 Pasta		1	2	1	0	0	14.09.1910

DER - Elisa de Resende	1 Pasta		11	19	6	0	0	01.01.1899 - 23.02.1920
DMR - Marieta de Resende	1 Pasta		2	3	2	0	0	14.09.1899 - 10.10.1899

SI - Instituições	21 Pastas	1 Doc. especial	541 Docs textuais	1625 Fls	4 Anexos Envs	2 Anxs Outros	0 Transcs	Datas 26.07.1820 - 05.07.1940
DBBI - Banco Brasileiro de Imigração	2 Pastas		45	210	0	0	0	12.01.1890 - 10.07.1896
DBCB - Banco Construtor do Brasil	1 Pasta		14	62	1	0	0	05.07.1889 - 1892
DBCL - Banco das Classes Laboriosas	2 Pastas		57	275	2	0	0	00.07.1875 - 27.[05?].1894
DBVB - Banco Vitalício do Brasil	1 Pasta		31	123	0	0	0	1891 - 16.01.1892
DBWAS - Bradshaw Wanklyn and Sons	1 Pasta		16	17	0	0	0	26.07.1820 - 13.06.1838
DCB - Club Beethoven	1 Pasta		42	55	0	0	0	01.10.1882 - 00.04.1890
DCJ - Colégio Jacobina	1 Pasta		32	41	0	1	0	31.07.1920 - 1936
DCP - Colégio Progresso	1 Pasta	1 fotografia	23	43	0	0	0	01.10.1881 - 18.10.1892
DCIC - Cia. Industrial de Calçado	1 Pasta		18	48	0	0	0	1890 - 02.04.1895
DCMFJ - Cia. Minas de Ferro Jacupiranguinha	1 Pasta		20	50	0	1	0	14.08.1873 - 22.08.1889
DCUSI - Cia. União Sorocabana e Ituana	2 Pastas		58	267	0	0	0	12.11.1890 - 20.07.1896
DCTB - Cia. Typographica do Brazil	1 Pasta		4	58	0	0	0	05.02.1891 - 31.05.1895
DCFCVI - Cia. Ferro-Carril da Villa Isabel	1 Pasta		18	47	1	0	0	10.11.1891 - 31.12.1892
DLIC - Leuzinger Irmãos e Cia.	1 Pasta		17	20	0	0	0	20.08.1888 - 31.10.1912
DSL - Schoeberlein e Lobenhoffer	4 Pastas		145	308	0	0	0	13.01.1912[?] - 05.07.1940

SP - Propriedades	7 Pastas	Docs especiais	139 Docs textuais	235 Fls	01 Anx Envs	0 Anxs Outros	0 Transcs	Datas 31.07.1819 - 29.03.1938
DE - Escravos	1 Pasta		4	6	1	0	0	18.10.1875 - 01.04.1876
DFBV - Fazenda da Boa Vista	1 Pasta		24	72	0	0	0	09.09.1873 - 10.12.1890
DFRP - Fazenda do Rio das Pedras	1 Pasta		30	43	0	0	0	22.01.1897 - 30.06.1921
DIRI - Imóvel Rua dos Inválidos	2 Pastas		69	101	0	0	0	31.07.1819 - 29.03.1938
DIRSE - Imóvel Rua Senador Eusébio	1 Pasta		7	7	0	0	0	14.04.1886 - 12.03.1889
DIRVI - Imóvel Rua Visconde de Itaúna	1 Pasta		5	5	0	0	0	21.03.1888 - 07.07.1890

SFIB - Família Imperial do Brasil	1 Pasta	4 Docs especiais (2 cartões-postais e 2 fotografias)	16 Docs textuais	20 Fls	07 Anxs Envs	1 Anx Convite	0 Transcs	Datas 26.08.1858 - 00.12.1921
--	---------	--	------------------	--------	--------------	---------------	-----------	-------------------------------

DDA - Documentos Avulsos	4 Pastas	Docs especiais	176 Docs textuais	384 Fls	03 Anxs Envs	1 Anx 7 fls.	0 Transcs	Datas 18.06.1785 - 00.00.195[?]
---------------------------------	----------	----------------	-------------------	---------	--------------	--------------	-----------	---------------------------------

DI - Iconografia	1 Pasta	Docs especiais	23 Docs textuais	23 Fls	0 Anxs Envs	0 Anxs Outros	0 Transcs	Sem data
-------------------------	---------	----------------	------------------	--------	-------------	---------------	-----------	----------